

VII RAMS

ISSN 2236-3564

**Diálogos
Contemporâneos**

2019

Campo Grande, MS - Brasil | 16 a 18 de Outubro | UFMS

Caderno de Resumos



VII
Reunião de Antropologia
de Mato Grosso do Sul
Diálogos Contemporâneos

16, 17 e 18 de outubro

ISSN 2236-3564

Campo Grande, Mato Grosso do Sul
Brasil

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítalo

Coordenadores

Álvaro Banducci Júnior (PPGAS)
Antonio Hilário Aguilera Urquiza (VII RAMS)
Daniel Estevão Ramos de Miranda (CISO)

Comissão Científica

Álvaro Banducci Júnior – UFMS
Ana Lucia Eduardo Farah Valente – UFMS
Antônio Carlos de Souza Lima – UFRJ/MN
Antonio Hilário Aguilera Urquiza - UFMS
Asher Grochowalski Brum Pereira – UFMS
Beatriz dos Santos Landa – UEMS
Cleverson Rodrigues da Silva – UFMS
Daniel Estevão Ramos de Miranda – UFMS
Esmael Alves de Oliveira - UFGD
Flavia Freire Dalmaso – UFMS
Guilherme Passamani Rodrigues- UFMS
Jacira Helena do Valle Pereira – UFMS
Jane Felipe Beltrão – UFPA
Levi Marques Pereira – UFGD
Mara Aline Ribeiro dos Santos – UFMS
Maria Raquel Duran – UFMS
Priscila Lini – UFMS
Ricardo Luiz Cruz - UFMS
Tiago Duque – UFMS
Victor Ferri Mauro – UFMS

Comissão Organizadora

Aline Correia Antonini
Álvaro Banducci Júnior
Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues
Antonio Hilário Aguilera Urquiza
Daniel Estevão Ramos de Miranda
Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva
Guilherme Passamani Rodrigues
Kellen Dias Lacerda
Alunos/as do PPGAS/UFMS e da CISO/UFMS

Secretaria

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues

Realização

Universidade Federal de Mato grosso do Sul – UFMS

Promoção

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFMS
Curso de Ciências Sociais – CISO/UFMS

Apoio

Faculdade de Ciências Humanas - FACH
Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte – PROECE - UFMS



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**

(UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Reunião de Antropologia de Mato Grosso do Sul (7.: 2019 : Campo Grande, MS).

Caderno de Resumos da VII RAMS – Reunião de Antropologia de Mato Grosso do Sul, 16 a 18 de outubro de 2019 / Organizadores: Antônio Hilário Aguilera Urquiza, Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues e Kellen Dias Lacerda – Campo Grande, MS : UFMS, 2019.

97 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

ISBN 2236 -3564 (versão on-line)

1. Antropologia – Reunião. 2. Diálogos Contemporâneos – I. Aguilera Urquiza, Antônio Hilário. II. Cavararo Rodrigues, Andréa Lúcia. III. Lacerda, Kellen Dias.

Elaborada pela VII RAMS.

Apresentação

Por acreditarmos que Mato Grosso do Sul é uma região fértil para a prática das Ciências Sociais, dentre elas, particularmente da Antropologia (questões colocadas pela situação de fronteira, migrações, povos indígenas, conflitos sociais, dentre outros), em 2008 surgiu a proposta de realização da **1ª REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** de Mato Grosso do Sul.

A **1ª RAMS** aconteceu em setembro de 2008, na UFMS, com o tema **AS FRONTEIRAS DA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA EM MATO GROSSO DO SUL**. Esta realidade pedia que os profissionais desta área buscassem aprofundar sua história, assim como suas práticas e as possibilidades de organização. Este evento contou com a presença do prof. Dr. Roque de Barros Laraia (UnB) e da Prof.^a Dra. Edir Pina de Barros (UFMT).

A **II RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** de Mato Grosso do Sul aconteceu no contexto do Congresso Internacional de Arqueologia, Etnologia e Etno-história de Mato Grosso do Sul, na UFGD, em Dourados, no ano de 2009. O evento contou com a presença do Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ – Museu Nacional), um dos maiores expoentes da Antropologia no Brasil. Houve a primeira tentativa de redação de uma proposta de Associação de Antropologia no estado de MS.

O tema e as discussões amplas que a **III RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** – (2011) propôs como tema o diálogo com outras áreas do saber e, especialmente, com a sociedade como um todo. Discutiu temas relacionados às problemáticas e à complexidade da sociedade contemporânea, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, os profissionais da área da antropologia procuram ampliar o foco de alcance da compreensão dos fenômenos socioculturais atuais. Aos acadêmicos, foi possibilitado um espaço de reflexão e discussão de temas atuais no contexto da Antropologia, além de, permitir uma maior compreensão dos desafios que encontrarão pela frente. Refletir e aprofundar a importância do legado da antropologia realizada nesta região de Mato Grosso do Sul. Além de contarmos com a ilustre presença do professor Dr. Antonio Carlos de Souza Lima (PPGAS – Museu Nacional – UFRJ).

Em abril de 2013, no contexto da aprovação da Pós-graduação em Antropologia na UFGD, a partir de 2011, foi realizada a **IV RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** de Mato Grosso do Sul, com a presença dos professores Roque de Barros Laraia (UNB), e professores/antropólogos de MS. O tema foi a celebração dos 50 anos do trabalho de campo realizado pelo Dr. Roberto Cardoso de Oliveira em nosso estado, com um grupo de alunos, que seria a primeira turma de antropólogos/as formados pelo Museu Nacional.

No dia 12 de maio de 2015 realizou-se a **V RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** de Mato Grosso do Sul, na UFGD, em Dourados, durante a realização do III CIAEE. Foram convidados a presidir esse evento: Levi Marques Pereira (UFGD) e Álvaro Baducci Jr. (UFMS), com ênfase na organização dos/as antropólogos/as de MS.

Entre os dias 5 a 8 de abril de 2017 realizou-se a **VI RAMS – REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** de Mato Grosso do Sul, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o tema **POVOS TRADICIONAIS NA CONTEMPORANEIDADE – cosmologias e fronteiras**. Nessa versão teve como inovação a presença dos/as jovens antropólogos/as formados no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFGD, trazendo nas mesas de debates visibilidade das pesquisas decorrentes na antropologia do estado, além de contarmos com a ilustre presença da prof.^a Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA).

Nesta versão, a **VII RAMS – Reunião de Antropologia de Mato Grosso do Sul: Diálogos Contemporâneos** ocorrerá na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o tema Diálogos Contemporâneos.

Prof. Dr. Antonio Hilario Aguilera Urquiza
Coordenador da VII RAMS

Programação

16 DE OUTUBRO (Quarta-feira)

Credenciamento: a partir das 09h – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

10h as 11h30 – CineClube RAMS – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)
Exibição do filme “ALMA PALAVRA ALMA” e debate com o Diretor Dr.Armando Bulcão

11h30 as 14h – Intervalo para Almoço

14h – Atividades Integradoras
Minicurso 02 – Sala 02 / PPGCOM
Roda de conversa – Sala 02 / PPGEDU

13h 30min as 15h 30min – Painel “Jovens Antropólogos” – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

16h – CineClube RAMS – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)
Mostra de Filmes Etnográficos [Sessão 1] – Curadores mestrandos: Luana Benetti e Patrik Adam

18h30 – Apresentação cultural – Peça de teatro “Intervenção Ferro em Brasa” com Imaginário Maracangalha

19h30 – **CONFERÊNCIA DE ABERTURA** – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Tema: “Com quem a Antropologia conversa?”: Diálogos Contemporâneos

Conferencista: Dr. Stephen Grant Baines (DAN/UnB)

Mediador: Dr. Álvaro Banducci Júnior (Coord. PPGAS/UFMS)

21h – Lançamento de Livros

17 DE OUTUBRO (Quinta-feira)

08h Apresentação cultural – *a definir*

08h30 às 11h – **MESA REDONDA 1** – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Tema: Antropologia, corpo e saúde

Palestrantes: Dr. Camilo Albuquerque de Braz (UFG)

Dr. Esmael Alves de Oliveira (PPGAnt)/UFGD)

Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira (PPGAS/UFMS)

Mediadora: Ma. Carla Cristina de Souza (Impróprias/UFMS e IBISS/CO)

11h as 14h – Intervalo para Almoço

14h – Atividades Integradoras
Minicurso 01 – Sala 02 / PPGEDU

14h às 17h30 – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS NOS GTs (Salas da Unidade VI, XIII, Projele, PPGEDU, PPGCOM e Dep FACH)

17h – CineClube RAMS – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)
Mostra de Filmes Etnográficos [Sessão 2] – Curadores mestrandos: Luana Benetti e Patrik Adam

19h30 às 21h – MESA REDONDA 2 – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Tema: “O que se faz na/da cidade?”: olhares sobre o urbano

Palestrantes: Dra. Flávia Freire Dalmaso (PPGAS/UFMS)

Dr. Guilherme Rodrigues Passamani (PPGAS/PPGCult/UFMS)

Me. Giovanni França Oliveira (GEPEH-UFMS)

Mediador: Me. Paulo Roberto Lucca (UFMS)

18 DE OUTUBRO (Sexta-feira)

08h CineClube RAMS – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Mostra do curta “Os amigos que se encontraram na aldeia” e debate com o Acadêmico Raylson Chaves

08h30 às 11h – MESA REDONDA 3 – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Tema: Relações Interétnicas e Territorialização

Palestrantes: Me. Eliel Benites (PPGG/ UFGD)

Dr^a Maria Raquel da Cruz Duran (PPGAS/UFMS)

Dr^a Rosa Sebastiana Colman (FAIND/PPGET -UFGD)

Mediadora: Ma. Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues(UFMS/CNPq)

11h as 14h – Intervalo para Almoço

14h às 17h30min – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS NOS GTs (Salas da Unidade VI, XIII, Projele, PPGEDU, PPGCOM e Dep FACH)

17h – CineClube RAMS – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Mostra de Filmes Etnográficos [Sessão 3] – Curadores mestrandos: Luana Benetti e Patrik Adam

19h30 – CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO – Auditório Marçal de Sousa Tupã (FAALC/UFMS)

Tema: “Evangélicos na crise brasileira”

Conferencista: Dr. Ronaldo Romulo Machado de Almeida (UNICAMP)

Mediador: Dr. Mário Teixeira de Sá Júnior (PPGAnt/UFGD)

21h30 – Festa de encerramento do evento (local externo)

Sumário

GT 1

VIOÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER SOB A ÓTICA DO CASO CIRA HIGINA DE SOUZA.....	15
<i>Caio Molina Ambrizzi e Tabitha Molina Monteiro</i>	
TRANS/FORM/AÇÃO: O “CUIDADO DE SI” FOUCAULTIANO NA SOCIABILIDADE TRANS EM CAMPO GRANDE – MS.....	15
<i>Ariel Dorneles dos Santos e Esmael Alves de Oliveira</i>	
“O SEGREDO DE LOURIVAL”: COMENTÁRIOS NETNOGRÁFICOS SOBRE CORPO E GÊNERO EM MATO GROSSO DO SUL.....	16
<i>Joaquim Oliveira Araujo</i>	
NOME SOCIAL, ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	16
<i>Tatiane da Silva Lima e Carina Elisabeth Maciel</i>	
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO DE MULHERES PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À PESSOA IDOSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL	16
<i>Juliana Cristina dos Santos Duarte</i>	
OS JOGOS DOS CORPOS	17
<i>Carlos Igor de Oliveira Jitsumori e Dayana de Oliveira Arruda</i>	
AS ESTRUTURAS DE LEGITIMAÇÃO DA VIOÊNCIA DE GÊNERO: ANÁLISE DA VIOÊNCIA CONTRA MULHER EXPRESSA NA REALIDADE TRABALHISTA DE CORUMBÁ	19
<i>Guilherme Oliveira Rocha Vicente e Monizzi Mábile Garcia de Oliveira</i>	
A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES EM AMBIENTE ESCOLAR:EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE JOVENS DISSIDENTES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO DO SUL INSPIRADAS NA OBRA A GAROTA DINAMARQUESA	19
<i>Fabricio Pupo Antunes e Tiago Duque</i>	
O OLHAR DO LADO DE CÁ: VISÕES DAS GAYS E TRAVESTIS CORUMBAENSES SOBRE A BOLÍVIA E O BRASIL	20
<i>Anna Beatriz Passos da Silva Carlos e Tiago Duque</i>	

GT2

PRÁTICAS E DISCURSOS DE/EM SAÚDE E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO	22
<i>Daniella Chagas Mesquita e Esmael Alves de Oliveira</i>	
A ATUAÇÃO DOS MÉDICOS CUBANOS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS NOS DISTRITOS SANITÁRIOS ESPECIAIS INDÍGENAS (DISEIS).....	22
<i>Gabriel Dourado Rocha e Marcos Antonio da Silva</i>	
DIMENSÕES DO SOFRIMENTO SOCIAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	23
<i>Paola Amorim de Vargas Quinhones</i>	
HIV, ANTIRRETROVIRAIS E ATEÍSMO: O CASO DE LAURA	23
<i>Asher Brum e Rebeca de Azevedo</i>	
AS INTERSECÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DOENÇA: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO ACERCA DA ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA GRATUITA DE PARANAÍBA/MS	26
<i>Milena Oliveira da Silva</i>	
MONITORAÇÃO ELETRÔNICA DE PRESOS PARA FINS DE TRATAMENTO DE SAÚDE, CONTROLE DOS CORPOS E PANOPTISMO: FOUCAULT É BEM-VINDO À ANTROPOLOGIA JURÍDICA	26
<i>Otávio José Garcia Sena e Antonio Henrique Maia Lima</i>	

GT 3

DANÇA DE SALÃO E A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS PLURIDANÇANTES	29
<i>Marcelo Victor da Rosa e Antonio Carlos Cordeiros Junior</i>	
PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO JORNAL CORREIO DO ESTADO (2017-2018): MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA NA SEÇÃO RELAX & CIA.....	29

<i>Guilherme Rodrigues Passamani e Tatiana Bezerra Lopes</i> AVATARES NO IMVU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE CORPOS DO E NO ONLINE.....	30
<i>Joice Bianca Foschiera de Lima</i> BIONECROPOLÍTICA, A NOÇÃO DE PESSOA E A (IM)POSIÇÃO DO DOCUMENTO “DE BRANCO” PARA OS KAIOWÁ DA GRANDE DOURADOS	30
<i>Isadora Spadoni Sguarezi e Simone Becker</i> DO BRASIL DE CABRAL À TERRA VERMELHA DE DOURADOS E DO COLONO	31
<i>Ezequias Freire Milan e Simone Becker</i> “AQUI TEM DRAG”: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE OS DIFERENTES ESPAÇOS QUE GERAÇÕES DRAGS FREQUENTAM EM CAMPO GRANDE-MS	31
<i>Winy Gabriela Santana e Guilherme Passamani</i> NÃO LUGARES E HOSPITALIDADE: OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES DAS RELAÇÕES SOCIAIS DO CENTRO ANTIGO DE CAMPO GRANDE, EM MATO GROSSO DO SUL, POR MOVIMENTOS CULTURAIS E CORPOS PRECÁRIOS.....	32
<i>Júlia Arruda da Fonseca Palmiere, José Francisco Sarmiento Nogueira e Anita Guazzelli Bernardes</i> DINÂMICA DA PERMANÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL.....	32
<i>Juliana Cristina dos Santos Duarte e Cintia Lima Crescêncio</i> SUPREMACIA BRANCA E NECROPOLÍTICA EM MATO GROSSO DO SUL: LENTES PÓS- COLONIAIS PARA SE PENSAR A QUESTÃO GUARANI E KAIOWÁ	33
<i>Marcelo de Jesus Lima</i>	

GT 4

OBSCURECIDOS: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS NEGROS E INDÍGENAS, AS IDENTIDADES CULTURAIS BRASILEIRAS E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	35
<i>Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva</i> CONHECER A DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO ENSINO MÉDIO	35
<i>Samuel Douglas Farias Costa</i> O PROTAGONISMO DE CRIANÇAS GUARANI/ KAIOWÁ INSERIDAS EM ESCOLA NÃO INDÍGENA	36
<i>Clotildes Martins Moraes, Antonio Dari Ramos e Maristela Aquino Insfram</i> RELAÇÕES, USOS E INTERFACES DA ANTROPOLOGIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	36
<i>Dayana de Oliveira Arruda e Sara Santana A. da Silva</i> AS QUESTÕES CULTURAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO EM MATO GROSSO DO SUL: REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÕES	37
<i>Sara Santana A. da Silva, Dayana de Oliveira Arruda e Weslem Gimenez dos Santos</i>	

GT 5

NOTAS SOBRE ÉTICA E “CONSENTIMENTO ESCLARECIDO” NA ETNOGRAFIA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA ANTIGA RODOVIÁRIA.....	39
<i>Vladimir Eiji Kureda</i> MOKOI TEKOÁ PETEI JEGUATÁ: EXPERIMENTO ETNOGRÁFICO COM A TEORIA ANTROPOLÓGICA E O CINEMA MBYA	39
<i>Samuel Douglas Farias Costa</i> O CORPO COMO CADERNO DE CAMPO: COMO ALGUÉM SE TORNA ETNÓGRAFO?	40
<i>Antonio Henrique Maia Lima</i> DISCURSOS E PRÁTICAS COMO REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS INDÍGENAS EM ESCOLA NÃO INDÍGENA	40
<i>Clotildes Martins Moraes, Antonio Dari Ramos e Maristela Aquino Insfram</i> PERCURSO DE UMA PERÍCIA ANTROPOLÓGICA	41
<i>Josimara dos Reis Santos</i> “OLHAR, OUVIR, ESCREVER... MEDIAR”: FAZER ANTROPOLOGIA NO CONTEXTO DE UMA PERÍCIA ANTROPOLÓGICA	41
<i>Lílian Raquel Ricci Tenório</i>	

ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU: ETNOGRAFIA DAS CRIANÇAS KAIOWÁ	42
<i>Jéssica Maciel de Souza e Antonio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
CAMPANHAS ONLINE: O USO DE MÍDIAS ONLINE E O ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DURANTE AS CAMPANHAS PARA GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL NO ANO DE 2018.....	42
<i>Filipe Wisley de Matos Rosa e Guilherme Rodrigues Passamani</i>	
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA PIRAKUÁ E A SUA RELAÇÃO COM AS LEGISLAÇÕES E A INTERCULTURALIDADE	45
<i>Fernanda dos Santos Rodrigues, Lucas de Aguiar Lima e José Henrique Prado</i>	
CADERNOS DE CAMPO: RELATOS ETNOGRÁFICOS SOBRE LIDERENÇAS E LOCALIDADES KAIOWÁ.....	45
<i>Wellington Bispo de Souza e José Henrique Prado</i>	
“FITINHAS”, COMO SE REPRESENTAM EM CAMPO GRANDE/MS	46
<i>Jéssica Lima de Freitas e Dilza Porto Gonçalves</i>	

GT 6

EXPRESSIONES DO NEOLIBERALISMO DIANTE DO ESTADO DE BEM ESTAR SOCIAL: DESACERTOS E EQUÍVOCOS DE UM MODELO QUE CAMINHA PARA O FRACASSO	48
<i>Marco Antônio Rodrigues e Antonio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
O ESTADO BRASILEIRO E AS VIOLAÇÕES DE DIREITOS DOS TERENA: A NECESSIDADE DE POLÍTICAS DE REPARAÇÃO.....	48
<i>Lenir Gomes Ximenes</i>	
SEM TERRITÓRIO, SEM EDUCAÇÃO: A POLÍTICA DE DEMARCAÇÃO DE TERRAS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA	49
<i>Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva</i>	
VIVÊNCIA E CERTEZAS, TEORIA E ANGÚSTIAS: OS IMPASSES EM DIZER O OUTRO POR MEIO DO TEXTO ANTROPOLÓGICO	49
<i>Patrik Adam Alves Pinto</i>	
MIGRAÇÕES TERENA PARA OCUPAÇÕES URBANAS NA PERIFERIA DA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS: A PERMANECIA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO EM CONTEXTO URBANO DE DUAS FAMÍLIAS EXTENSAS NA COMUNIDADE INDÍGENA DO JARDIM INAPOLIS	50
<i>Luiz Felipe Barros Lima da Silva e Victor Ferri Mauro</i>	
LETURAS PARA PENSAR A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA	50
<i>Victor Ferri Mauro</i>	
O IMPACTO DA ROTA DE INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NA FRONTEIRA DE PORTO MURTINHO-MS.....	52
<i>Arthur Paiva Octaviano e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	

GT 7

SINCRETISMO X UMBANDA.....	54
<i>Diógenes Braga Ramos</i>	
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL MATERIAL EM CAMPO GRANDE/MS: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA SOBRE A PRESERVAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CENTRO URBANO.....	54
<i>Jaqueline Ap. M. Zarbato</i>	
O CORPO FEMININO NEGRO E SUA MEDIATIZAÇÃO	57
<i>Thaylla Giovana Pereira da Silva</i>	
OFICINAS PARA ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DAS ARTESãs SUL-MATO-GROSSENSES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	57
<i>Lislley Raquel Damazio e Jaqueline Ap. Martins Zarbato</i>	

GT 8

ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O DIREITO DE VETO DOS “POVOS INDÍGENAS E TRIBAIS” NA CONVENÇÃO Nº 169 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT)	59
<i>Gabriel Dourado Rocha e Simone Becker</i>	

OS DESAFIOS DOS POVOS GUARANI/ KAIOWÁ FRENTE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ..	59
<i>Maristela Aquino Insfram, Rosa Sebastiana Colman e Clotildes Martins Moraes</i>	
GRAFISMO PRESENTE NOS MOVIMENTOS POLÍTICOS INDÍGENAS.....	60
<i>Gilson Tiago e Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues</i>	
UMA PROJEÇÃO DE COMO AS MULHERES TERENA DA MARÇAL DE SOUZA E O ESTADO SE RELACIONAM EM CASOS DE VIOLÊNCIAS.....	60
<i>Kellen Dias Lacerda e Guilherme Rodrigues Passamani</i>	
OS KAIOWÁ TRANSFRONTEIRIÇOS: EM BUSCA DA CIDADANIA.....	61
<i>Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues, Marco Antonio Rodrigues e Antonio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
AVATI KYRY: MOBILIDADE E VARIAÇÃO EM UMA FESTA KAIOWA/PAÏ TAVYTERÃ.....	61
<i>Tatiane Maíra Klein, Rosa Sebastiana Colman e Arnulfo Morinigo Caballero</i>	
MARCO TEMPORAL: SUA APLICAÇÃO NO CASO DA DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TERENA LIMÃO VERDE DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL.....	62
<i>Anderson de Souza Santos e Antonio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
OCUPAR AS TELAS! APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E INICIATIVAS DE MÍDIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA DE COLETIVOS INDÍGENAS	62
<i>Camila Emboava Lopes</i>	
AS FRONTEIRAS CONCEITUAIS ENTRE A MOBILIDADE INDÍGENA E O NOMADISMO CULTURAL	65
<i>Laura Luíza de Mendonça</i>	
AS PRÁTICAS CULTURAIS FÚNEBRES PRESENTE NA MOBILIDADE DO POVO GUARANI-KAIOWÁ NA FRONTEIRA.....	65
<i>Leylanne Rittes Miranda</i>	
FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI E O POVO GUARANI	66
<i>Camila Assad Catelan e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
RESISTÊNCIA GUARANI-KAIOWÁ: A RÁDIO INDÍGENA FM DA RESERVA DE DOURADOS COMO INSTRUMENTO PELA LUTA POR DIREITOS	66
<i>Denis Renan Fonseca</i>	
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE.....	67
<i>Monizzi M. Garcia de Oliveira e Maurício Serpa França</i>	

GT 9

O DESEJO DE PROTAGONISMO DOS ATINGIDOS PELO DESENVOLVIMENTO.....	69
<i>Silvia Santana Zanatta e Josemar Maciel</i>	
BOE ATUGO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS A PARTIR DAS PINTURAS	69
FACIAIS.....	69
<i>Neimar Leandro Marido Kiga</i>	
O CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE O JEITO TERENA DE SE PINTAR	70
<i>Gilson Tiago, Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues e Álvaro Banducci Junior</i>	
DO ESPAÇO QUE LIBERTA AO ESPAÇO QUE SUBMETE: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO, PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS.....	70
<i>Flavia Palhares Machado e Josemar de Campo Maciel</i>	
A NOÇÃO DE PESSOA E O SUICÍDIO GUARANI, UM CAMINHO NA COMPREENSÃO DO SUICÍDIO TERENA.....	71
<i>Josiane Emilia do Nascimento Wolfart e Antonio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
DESENVOLVIMENTO LOCAL OU (DES)ENVOLVIMENTO LOCAL? REFLEXÕES A RESPEITO DO TERMO, SURGEM DÚVIDAS EMERGENCIAIS EM SUAS (DES)ARTICULAÇÕES COM OS POVOS ORIGINÁRIOS, UMA DELAS É: IMPROBO OU ALIADO?	72
<i>José Francisco Sarmiento Nogueira e Leandro Skowronski</i>	
ETNOMÍDIA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL: EMANCIPAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA	74
<i>Raylson Chaves Costa e Oswaldo Ribeiro da Silva</i>	

GT 10

A TRAJETÓRIA DO POVO OFAIÉ: TERRITORIALIDADE E RECONHECIMENTO DE DIREITOS TERRITORIAIS.....	76
<i>Simoni Santos Siqueira</i>	
O PAPEL DA MULHER INDÍGENA NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA A MANUTENÇÃO DO EQUILÍBRIO SOCIAL DA ALDEIA PIRAKUÁ	76
<i>Andrielli de Souza Canassa e Aldenor da Silva Ferreira</i>	
NOVO CONSTITUCIONALISMO LATINO-AMERICANO E POVOS TRADICIONAIS: RECONHECIMENTO JURÍDICO DE EPISTEMOLOGIAS CONTRA HEGEMÔNICAS	77
<i>Guilherme Maciulevicius Mungo Brasil</i>	
(DES)COLONIZANDO A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DA PEDAGOGIA DOS PROFESSORES TERENA NA ESCOLA CACIQUE JOÃO BATISTA FIGUEIREDO NA ALDEIA TERERÉ	78
<i>Ana Carolina Bezerra dos Santos</i>	
PROFESSORA PÓS-CRÍTICA? UM LUGAR DE FALA E A CARTOGRAFIA DO SOCIAL.....	78
<i>Silvana Colombelli Parra Sanches</i>	
DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIAS CRIMINAIS E ANTROPOLOGIA SOCIAL: UMA ANÁLISE DA RESOLUÇÃO CNJ Nº 287/2019 E SEUS REFLEXOS PRÁTICOS PARA OS INDÍGENAS ENCARCERADOS NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL.....	79
<i>Caíque Ribeiro Galícia</i>	
O ICATU	79
<i>Antonio Hilário Aguilera Urquiza e Ariovaldo Toledo Penteadó Junior</i>	
CIRCULARIDADE DAS CRIANÇAS KAIOWA PELO TEKOHARÃ	80
<i>Jéssica Maciel de Souza e Antonio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
VOZES DA FRONTEIRA: RELATOS E MEMÓRIA DOS AYOREO TOTOBIEGOSODE NO GRAN CHACO	80
<i>Ana Lúcia Franco e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
A SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS DO PIRAKUÁ.....	82
<i>Kelly Eduarda Rodrigues Dezem e José Henrique Prado</i>	
CONVERSAS E CAMINHOS AS MARGENS DO RIO APA: RELAÇÕES POLÍTICAS E A ATUAÇÃO DA LIDERANÇA KAIOWÁ	82
<i>Julio Cesar dos Santos e José Henrique Prado</i>	
CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E O COLONIALISMO NA CIÊNCIA: CONHECIMENTOS SOBRE A MOBILIDADE ESPACIAL GUARANI	83
<i>Thais Almeida Cariri e Antônio Hilario Aguilera Urquiza</i>	
OS GUARANI-KAIOWÁ E AS FORMAS DE USO DE SEUS RECURSOS NATURAIS: OUTRA LÓGICA PRODUTIVA	83
<i>Tales Stinghin Santana e Aldenor da Silva Ferreira</i>	

GT 11

POMBAGIRA, PROSTITUIÇÃO E MULHERIDADES: DO ESTEREÓTIPO À TRANSGRESSÃO	85
<i>Daniella Chagas Mesquita</i>	
O FAZER DO CURURU EM MATO GROSSO DO SUL: UM RECORTE SOBRE A RELIGIOSIDADE E A MANIFESTAÇÃO TRADICIONAL DOS CURURUEIROS.....	85
<i>José Gilberto Garcia Rozisca</i>	
QUANDO VEM O ESCREVER: PASSADO O OLHAR E O OUVIR CHEGA A HORA DO SANTO INTERVIR.....	86
<i>Maria Eduarda Rodrigues da Silva e Álvaro Banducci Júnior</i>	
MÁRIO DE ANDRADE: O MODERNISTA DE CORPO FECHADO	86
<i>Mario Teixeira de Sá Junior</i>	
LA MAMITA DE COPACABANA: A PRIMEIRA IDA AO CAMPO	87
<i>Gesliane Sara Vieira Chaves</i>	
AVATI KYRY: O RITUAL KAIOWA DO BATISMO DO MILHO NA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS	87
<i>Lélio Loureiro da Silva</i>	

AS FESTAS RELIGIOSAS EM MATO GROSSO DO SUL: AS POLÍTICAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE REGISTRO	88
<i>Edivânia Freitas de Jesús e Douglas de Oliveira Nobre</i>	
“FAZENDO A FESTA NA FRONTEIRA”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A CELEBRAÇÃO À VIRGEM DE URKUPIÑA EM PUERTO QUIJARRO (BO), FRONTEIRA COM CORUMBÁ (BR)	88
<i>Alyson Matheus de Souza e Álvaro Banducci Júnior</i>	
A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO ENTRE OS TERENA DA TERRA INDIGENA BURITI- MS: ASPECTOS HISTÓRICOS, ORGANIZACIONAIS E COSMOLÓGICOS.....	89
<i>Roselayne Miguel da Silva e Levi Marques Pereira</i>	
DIA DA CRUZ NO PARAGUAI E OS RITUAIS DOS “ESTACIONEROS”	89
<i>Álvaro Banducci Júnior e Isabella Banducci Amizo</i>	

GT 12

A CONSTRUÇÃO COMERCIAL NO PANTANAL/MS: O CASO DA COMUNIDADE DO PASSO DO LONTRA.....	92
<i>Mara Aline Ribeiro e Sérgio Oliveira Gonçalves</i>	
OS NOVOS SENTIDOS DO TRABALHO COMO COSTUREIRA NO SETOR DE CONFECÇÕES E MODA EM CAMPO GRANDE.....	92
<i>Ivani Marques da Costa Grance</i>	
TRABALHO E COMÉRCIO POPULAR ENTRE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)	93
<i>Pâmella Rani Epifânio Soares</i>	
NOVAS FORMAS DE TRABALHO E LAZER NA PRAÇA REPÚBLICA DA BOLÍVIA	93
<i>Isabelle Jablonski e Ricardo Luiz Cruz</i>	
O COMÉRCIO DE CERVEJA ARTESANAL EM CAMPO GRANDE/MS: UM ESTUDO PRELIMINAR	95
<i>Patrick de Almeida Trindade Braga e Ricardo Luis Cruz</i>	
APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS DA FESTA DA NOSSA SENHORA DE PERPÉTUO SOCORRO.....	95
<i>Maria do Carmo Carneiro Rossatti e Ricardo Luiz Cruz</i>	
LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA LITERATURA ANTROPOLÓGICA SOBRE O TRABALHO NO SETOR DE SERVIÇOS.....	96
<i>Ranielly Silva Leite e Ricardo Luiz Cruz</i>	



GT 1

**Antropologia e suas possibilidades:
diálogos interdisciplinares sobre gênero,
sexualidade e corpo no contexto sul-mato-grossense**

Comunicação Oral



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER SOB A ÓTICA DO CASO CIRA HIGINA DE SOUZA

*Caio Molina Ambrizzi
Tabitha Molina Monteiro*

O presente artigo tem como objetivo analisar a efetividade da Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha frente ao atendimento humanizado do caso da Cira Higina de Souza. Para tal, a metodologia utilizada na pesquisa foi embasada no método indutivo e analítico, contextualizando desde a análise do caso concreto a amplitude da violência contra mulher, buscando traçar a violência doméstica e seus reflexos na sociedade, conceituando e esmiuçando as suas tipificações, seguido dos pontos relevantes das causas e consequências que a problemática desse tipo de violência vem provocando nas suas vítimas. Evidenciando a atuação do poder público no combate a violência doméstica e como se originou e desenvolveu a Lei Maria da Penha dentro do ordenamento jurídico. Por fim, retomou ao caso concreto, evidenciando como a aplicação da referida Lei está contribuindo para diminuição da violência bem como elevando sua autonomia como pessoa humana e de direitos, recuperando e promovendo a dignidade feminina no âmbito pessoal e coletivo.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Caso Concreto; Lei Maria da Penha.

TRANS/FORM/AÇÃO: O “CUIDADO DE SI” FOUCAULTIANO NA SOCIABILIDADE TRANS EM CAMPO GRANDE – MS

*Ariel Dorneles dos Santos
Esmael Alves de Oliveira*

Este anteprojeto de pesquisa pretende investigar a relação do cuidado de si foucaultiano a partir da sociabilidade de pessoas travestis e transexuais da/na cidade de Campo Grande - MS. Assim, a partir do viés etnográfico, busca-se assimilar quais os elementos acionados por esses sujeitos para uma constituição de si e que estão para além das questões relacionadas a sua inserção político-social (ou que a ela não se reduzem). Nesse processo refletivo-analítico, a agência será tomada como um conceito central, pois oportunizará compreender as nuances que cercam os condicionantes sociais sem perder de vista a capacidade de mobilização e negociação dos sujeitos bem como os afetos e desejos que os atravessam. Deste modo, a trans/form/ação é assumida aqui enquanto potência polissêmica e desestabilizadora que auxilia no entendimento dos modos de ser e estar no mundo das pessoas trans. Espera-se, desta forma, que esta pesquisa possa tanto contribuir com a consolidação do campo de estudos trans no MS (ainda incipiente) quanto possibilitar novos olhares sobre aspectos até então pouco explorados pelas pesquisas até então realizadas e que tendem a privilegiar ou o tema da redesignação sexual ou os mecanismos sociais de exclusão ou as estratégias de inserção política desses sujeitos. Portanto, interessa indagar: afinal, qual o lugar do desejo, do cuidado, do afeto, das redes de apoio nas trajetórias das pessoas trans?

Palavras-chave: MS; sociabilidade; travesti e transexual; cuidado de si.

“O SEGREDO DE LOURIVAL”: COMENTÁRIOS NETNOGRÁFICOS SOBRE CORPO E GÊNERO EM MATO GROSSO DO SUL

Joalisson Oliveira Araujo

Neste trabalho reflito sobre os jogos de verdade que buscaram construir considerações sobre corpo e gênero de Lourival Bezerra de Sá a partir de comentários feitos num portal de notícias, em matérias relacionadas ao caso em tela. Produzido a partir de netnografia – ou etnografia em ambientes virtuais – analiso como se deram tensionamentos, incômodos e disputas de narrativas à vista da vida vivida de Lourival. Realizados os levantamentos, pude categorizar as produções discursivas nas caixas de comentários em três nuances principais: a primeira, de patologização e adoecimento; a segunda vinculava sua existência ao pecado, anormalidade e fraude; e, por fim, também havia os que intercediam por respeito à sua memória e representações dignas.

Palavras-chave: Lourival Bezerra de Sá; Verdade; Antropologia do corpo; Etnografia em ambientes virtuais.

NOME SOCIAL, ACESSO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

*Tatiane da Silva Lima
Carina Elisabeth Maciel*

O presente estudo tem como objetivo discutir a política do nome social frente o acesso e a permanência de estudantes transexuais e travestis na cidade universitária (campus Campo Grande) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no período de 2013 a 2018. Nesta perspectiva, compreende-se a política do nome social como um aspecto que pode interferir no acesso e permanência de estudantes transexuais e travestis na educação superior. Deste modo, para o desenvolvimento do objetivo proposto, apresenta-se um breve panorama histórico acerca da inserção da política do nome social na educação superior, e, posteriormente, analisa-se o uso do nome social na UFMS, desde a promulgação da Resolução Nº 41 em 2013, com base nos dados obtidos por meio de entrevistas realizadas com transexuais e travestis que estudam na instituição. Conforme a análise dos dados, o uso do nome social, embora tenha sido promulgado enquanto política a cinco anos na universidade, ainda requer ser consolidado no dia a dia das/os estudantes entrevistadas/os, haja vista que há funcionárias/os que desconhecem os procedimentos para garantia desse direito.

Palavras-chave: Acesso; Permanência; Educação superior; Transexuais; Travestis.

UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO DE MULHERES PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE ABERTA À PESSOA IDOSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Juliana Cristina dos Santos Duarte

A presente apresentação se propõe compartilhar meu anteprojeto de pesquisa. Ele tem por finalidade propor uma investigação a respeito da dinâmica de envelhecimento que faz com que mulheres idosas privilegiem a educação. Visando analisar o processo de envelhecimento e construção identitária do curso da vida de mulheres participantes da Universidade Aberta à Pessoa Idosa - UFMS. O objeto de pesquisa se refere ao envelhecimento feminino e as possibilidades de envelhecimento vividas por mulheres que, já na terceira idade (estabelecida pelo Estatuto do Idoso), escolhem participar de matérias em cursos de graduação. Para tanto, a abordagem incide na compreensão das particularidades desses cursos de vida a partir da apreensão de suas narrativas. A pesquisa, portanto, utilizará como percurso teórico metodológico a etnografia, história de vida e a história oral, utilizando-se também de observação, conversas informais e entrevistas. Constituem-se como objetivos deste anteprojeto: analisar o processo de envelhecimento e sua construção identitária, partindo das particularidades do curso de vida de mulheres participantes do UNAPI/UFMS; identificar as possibilidades de envelhecimento feminino vividas por essas mulheres; discutir a particularidade do curso de vida de mulheres que privilegiam a educação superior na terceira idade; compreender as relações que elas têm com a educação, com o intuito de problematizar o tipo de envelhecimento que faz com que mulheres escolham estudar na terceira idade. A fundamentação teórica do presente estudo baseia-se nos Estudos do Curso da Vida, Envelhecimento e Gênero.

Palavras-chave: Envelhecimento Feminino; Curso de Vida; Educação.

OS JOGOS DOS CORPOS

*Carlos Igor de Oliveira Jitsumori
Dayana de Oliveira Arruda*

Discutir e problematizar os corpos tem sido uma questão intrigante. Ainda mais quando o espaço é a escola, o que não é diferente de outras instituições. Este trabalho envolve jovens LGBT, de uma escola pública de Rede Estadual de Ensino Médio do Estado de Mato Grosso do Sul, no município de Campo Grande. É uma discussão parcial fruto de uma pesquisa de doutorado. Tem por objetivo demonstrar como os estudantes que se posicionam como LGBT lidam com a produção de seus corpos diante da instituição e dos outros sujeitos que negociam esse espaço. Sabe-se que muitos são os dispositivos que atravessam e impactam os jovens na produção de seus corpos. Nenhum corpo é produzido sozinho e, tampouco fica no anonimato. O corpo é um texto que se escreve em conjunto, mas que é julgado e discriminado na singularidade. Ninguém é totalmente passivo e ativo na produção do seu corpo. Somos todos envolvidos numa conjectura de negociações, de jogos que afetam a si e aos outros. O corpo é um veículo que agrega as marcas preponderantes do meio. É uma “instituição” que carrega histórias, culturas, alegrias, sofrimentos. Todavia, é um dispositivo que irrompe em uma arte de si, cujo sujeito fende o sistema e aponta que nesse corpo não há somente efeitos de uma sociedade corretiva. Mas há uma relação nesse jogo, que o jovem estudante entende ser possível desenhar a liberdade nesse corpo. Para essa questão adotou-se o lastro teórico dos postulados Foucaultianos, que conduz essa discussão.

Palavras-chave: corpos; LGBT; estudantes; instituição.



GT 1

**Antropologia e suas possibilidades:
diálogos interdisciplinares sobre gênero,
sexualidade e corpo no contexto sul-mato-grossense**

Modalidade Banner



AS ESTRUTURAS DE LEGITIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EXPRESSA NA REALIDADE TRABALHISTA DE CORUMBÁ

*Guilherme Oliveira Rocha Vicente
Monizzi Mábile Garcia de Oliveira*

A pesquisa foi realizada no Laboratório de História – LABHIS com apoio da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – Ciclo 2018B – 2019A, via convênio – Tribunal Regional do Trabalho da 24ª Região. O estudo versa sobre as estruturas sócias que criam uma esfera cultural que legitima a violência contra mulher, como também, analisa-se como esta redoma construída historicamente tende a prejudicar as vivências cotidianas das mulheres. Propõem-se elencar as formas de violência existente contra as mulheres e como elas se expressam de formas multifacetadas. Em paralelo externam-se as formas de violências presentes nos processos trabalhistas de Corumbá movidas por trabalhadoras no ano de 1983. A metodologia utilizada compreendeu em uma revisão bibliográfica sobre gênero, cultura e violência contribuindo para contextualizar da sua situação, além, da análise dos documentos primários que são os processos trabalhistas do TRT. O trabalho ora proposto mostra como a formação da sociedade orientada em uma cultura patriarcal, marginalizou a figura da mulher naturalizando a violência, torna-se necessária a compreensão deste alicerce que legitima a violência contra mulher, para que a mesma possa entender sua realidade e munir-se para se defender.

Palavras-chave: Gênero; Violência; Justiça do Trabalho.

A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES EM AMBIENTE ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DE JOVENS DISSIDENTES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO DO SUL INSPIRADAS NA OBRA A GAROTA DINAMARQUESA

*Fabricio Pupo Antunes
Tiago Duque*

Esse projeto parte de questionamentos levantados por meio das apresentações e discussões sobre o projeto “Estudo sobre sexo, gênero e orientação sexual a partir da análise literária da obra A Garota Dinamarquesa de David Ebershoff” (ANTUNES, 2017). Com base nas discussões acerca das transições de Lili Elbe, a segunda pessoa no mundo a passar por uma cirurgia de transgenitalização na Dinamarca dos anos 1920, foi levantada a questão das transições e enfrentamentos dos jovens no que se refere à gênero e sexualidade nos dias atuais. A história de Lili Elbe vem inspirando gerações de jovens no mundo todo que assim como ela, desafiam suas identidades e enfrentam inúmeras barreiras, inclusive nas escolas. Assim, o presente projeto tem por objetivo analisar as experiências contemporâneas de jovens dissidentes de gênero e sexualidade nas escolas em Mato Grosso do Sul, especificamente as avaliadas por eles como sendo positivas. Com base em relatos coletados por meio do blog Transidentidades.com.br foi possível levantar informações sobre os enfrentamentos daqueles/as que desafiam a ordem vigente na sociedade no que diz respeito às relações afetivas, performatividade e o entendimento

sobre “sexo”. Acessar os desafios vividos no campo do gênero e da sexualidade por jovens hoje, permite repensar a sociedade, assim como a escola enquanto campo de reprodução de estereótipos e vivências que nem sempre atendem a todos/as, mas, por outro lado, também garante experiências de acolhimento e reconhecimento das especificidades e diferenças.

Palavras-chave: juventude; educação; diferenças.

O OLHAR DO LADO DE CÁ: VISÕES DAS GAYS E TRAVESTIS CORUMBAENSES SOBRE A BOLÍVIA E O BRASIL

Anna Beatriz Passos da Silva Carlos

Tiago Duque

Este trabalho tem como objetivo analisar as percepções dos homens efeminados sobre o Brasil e a Bolívia, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas pelo professor orientador com moradores da cidade de Corumbá. As atividades desenvolvidas no primeiro momento foram revisão bibliográfica com leituras produzidas e análises levantadas a respeito do projeto que deu origem a esse trabalho. No segundo momento, foram analisadas as entrevistas transcritas, previamente selecionadas a partir dos assuntos que são o foco nesse estudo. O foco foi encontrar nas falas dos entrevistados o que eles pensavam a respeito da Bolívia, do Brasil, da fronteira e da sua inteiração com os bolivianos. Diante das percepções, após as análises dos interlocutores, percebe-se uma dinâmica conflituosa na construção desse imaginário sobre o “outro” em um discurso, muitas vezes, de superioridade-inferioridade que domina e classifica, estruturando preconceitos e dominações simbólicas com os bolivianos. Esse processo por classificar a Bolívia como um lugar perigoso e preconceituoso. Com isso chegou-se a percepção que os homens efeminados, em relação ao Brasil e a Bolívia, via diferenciação e demarcação de diferenças hierarquizadas, alocam, a partir do contexto fronteiriço, o Brasil em condições de superior valorização em relação a Bolívia, ainda que, por vezes, nesse processo de produção de identidades, o país vizinho seja reconhecido e não necessariamente rechaçado.

Palavras-chave: Fronteira; Homens efeminados; Bolívia; Corumbá.



GT 2

**Antropologia nos contornos
do corpo, da pessoa e da saúde**

Comunicação Oral



PRÁTICAS E DISCURSOS DE/EM SAÚDE E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

*Daniella Chagas Mesquita
Esmael Alves de Oliveira*

Este trabalho é um esboço incipiente do primeiro capítulo da dissertação elaborada pela primeira autora e orientada pelo segundo autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na qual se objetiva compreender as vivências e práticas de saúde que perpassam a prostituição de mulheres trans e travestis na cidade de Campo Grande/MS. Para tanto, em se tratando de um trabalho sobre saúde, nos parece imprescindível discorrer neste capítulo aqui esboçado sobre as práticas e discursos de/em saúde, situando estes em seus contextos e regimes de verdade. Assim, neste ensaio objetiva-se analisar, a partir da intersecção entre prostituição e travestilidades, os modelos de atenção à saúde (biomédico, biopsicossocial e saúde coletiva) juntamente com os modos de pensar as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e alguns de seus correlatos, tais como grupo de risco, comportamento de risco e vulnerabilidade, a fim de refletir acerca dos seus limites e impasses. O intuito é contribuir tanto com uma compreensão ampliada do conceito de saúde (portanto, tomando-a não como algo dado e pré-existente) quanto com a visibilização dos diferentes modos e estratégias que os sujeitos dissidentes criam e acionam em seus processos de subjetivação face às práticas e modelos de/em saúde e para além deles.

Palavras-chave: Saúde; ISTs; Discurso(s); Travestilidades; Subjetivação.

A ATUAÇÃO DOS MÉDICOS CUBANOS DO PROGRAMA MAIS MÉDICOS NOS DISTRITOS SANITÁRIOS ESPECIAIS INDÍGENAS (DSEIS)

*Gabriel Dourado Rocha
Marcos Antonio da Silva*

Este trabalho analisa as contribuições dos médicos cubanos, contratados por meio do Programa Mais Médicos, em Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). Observa-se que esse é mais um exemplo do internacionalismo cubano, um dos componentes fundamentais da Revolução Cubana. O Programa Mais Médicos, lançado pelo governo federal em 2013, foi criado para enfrentar a grande dificuldade no preenchimento de vagas médicas no sistema SUS (Sistema Único de Saúde) em localidades afastadas ou em “periferias” dos grandes centros urbanos. No final de 2015, o Programa Mais Médicos estava presente em todos os DSEIs, contando com 292 médicos cubanos (OPAS, 2015). Nesse sentido, os médicos da ilha representavam cerca de 90% dos médicos desse programa que atuavam em DSEIs, sendo que o Mais Médicos representou um aumento em 79% do número de profissionais que atuavam nos DSEIs (CIMI, 2018; OPAS, 2018). Apesar das dificuldades para se promover diálogos interculturais no campo da medicina, a experiência dos médicos cubanos nos DSEIs é um grande exemplo de solidariedade e justiça social, contra o genocídio dos povos indígenas no Brasil.

Palavras-chaves: Diplomacia Médica Cubana; Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI); Mais Médicos.

DIMENSÕES DO SOFRIMENTO SOCIAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Paola Amorim de Vargas Quinhones

O fenômeno do sofrimento é discutido em vários campos da ciência, sendo assim compreendido de diferentes formas, alguns tratam como aspecto meramente orgânico e individual, baseado em um pensamento cartesiano de corpo e mente. Mas o que me interesse em discutir neste trabalho é o sofrimento experiência no corpo enquanto instância política, econômica, biológica e sociocultural. Tais dimensões estão integradas no sofrimento social, esse que interessa a antropologia corpo e saúde, que cria estratégias de discussões dos processos de produção de adoecimentos, que ainda que sejam experimentados no singular, só podem ser significados e constituídos no social. Diante do sofrimento social o qual me proponho a investigar, alinhado com a pesquisa da dissertação de mestrado e diante do aumento de adoecimento no ambiente acadêmico, tenho a intenção de compreender as experiências de sofrimento dos estudantes de graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, mas para isso é necessário construir reflexões em torno da antropologia da saúde, partindo de duas dimensões. A primeira consiste na violência gerada pela própria estrutura social e as relações de poder nelas permeadas; a segunda centrada nos modos de subjetivação constituídos ao longo da história da humanidade, que se reflete na contemporaneidade caracterizada pelo capitalismo, que demanda por produtividade e competitividade. Ambas fazem parte das relações que perpassam a Universidade como contexto permeado por relações políticas, econômicas e socioculturais capazes de levar ao sofrimento.

Palavras-chave: Sofrimento Social; Antropologia; corpo e saúde; Universidade.

HIV, ANTIRRETROVIRAIS E ATEÍSMO: O CASO DE LAURA

Asher Brum

Rebeca de Azevedo

Esta proposta está associada ao projeto de pesquisa intitulado “Espiritualidade e protocolos farmacológicos na “era farmacopornográfica””, que tem por objetivo estudar a relação entre o cultivo de espiritualidades e os protocolos farmacológicos para a autoadministração de medicamentos no interior da “era farmacopornográfica” (conceito de Paul B. Preciado). A hipótese desse projeto é que o cultivo de espiritualidades surge como “contra-conduta” (conceito de Michel Foucault) nesse cenário, apresentando-se como forma de resistência àqueles protocolos. Nosso foco são os protocolos farmacológicos envolvendo o tratamento de HIV/Aids e ISTs em Mato Grosso do Sul, pois este está entre os estados brasileiros com maiores índices de infecção e morte por HIV/Aids. Com efeito, nessa comunicação, apresentaremos um dos primeiros resultados dessa pesquisa: a trajetória de Laura. Laura é uma jovem portadora do HIV desde o nascimento e que segue protocolos farmacológicos específicos para controlar sua carga viral. Ao mesmo tempo, segundo sua narrativa, ela costuma flexibilizar ou mesmo suspender o uso da medicação temporariamente quando os efeitos colaterais se tornam incômodos. Na narrativa de Laura, encontramos o contrário do que nossa hipótese inicial sugeria, pois ela não relatou procurar lidar com a medicação antirretroviral por meio da

religião ou da espiritualidade. Laura era atéia. Desse modo, nosso argumento é que o conjunto de convicções que envolve “ser atéia” para Laura engloba formas de lidar com a medicação antirretroviral e com o HIV que se assimilam àquelas formas encontradas por pessoas que recorrem à espiritualidade e à religião, sugerindo “contra-condutas” no interior “regime farmacopornográfico”.

Palavras-chave: HIV; antirretroviral; ateísmo.



GT 2

**Antropologia nos contornos
do corpo, da pessoa e da saúde**

Modalidade Banner



AS INTERSECÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DOENÇA: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO ACERCA DA ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA GRATUITA DE PARANAÍBA/MS

Milena Oliveira da Silva

Partindo-se da realização de trabalho de campo, entrevistas e da leitura de um conjunto bibliográfico de autores (as) na área da antropologia da saúde/doença, antropologia da representação e antropologia da experiência, objetivamos compreender a autopercepção dos pacientes que recebem assistência psicológica gratuita no município de Paranaíba/MS, especialmente no que tange às interrelações entre esta autopercepção e as questões de raça, classe e gênero. Para tal, à princípio, estabelecemos as seguintes perguntas: a) como as intersecções de raça, classe e gênero influenciam na interpretação/surgimento da doença?; b) como o paciente em tratamento psicológico entende o processo de adoecimento?; e por fim, c) como, a partir da autopercepção de doença, o paciente estabelece uma representação social do adoecimento? Justificamos esta pesquisa devido à inexistência de trabalhos acadêmicos em Ciências Sociais, na área da antropologia da doença, no município supracitado. Além disso, percebemos como relevante a busca de uma compreensão do que Lévi-Strauss (1985) chamaria de “complexo xamânico”, ou seja, o conjunto de fatores que tornam eficaz a cura de pacientes, que englobam diversos aspectos, entre os quais os socioculturais.

Palavras-chave: Representação social; Antropologia da doença; Antropologia da experiência.

MONITORAÇÃO ELETRÔNICA DE PRESOS PARA FINS DE TRATAMENTO DE SAÚDE, CONTROLE DOS CORPOS E PANOPTISMO: FOUCAULT É BEM-VINDO À ANTROPOLOGIA JURÍDICA

*Otávio José Garcia Sena
Antonio Henrique Maia Lima*

No presente trabalho pretendemos estudar a sujeição dos corpos por meio do uso das tornozeleiras eletrônicas como meio de monitoração de presos para fins de tratamentos médicos e de saúde, que passa pela exigência do comportamento esperado pelo poder disciplinador. Partimos de um estudo bibliográfico e documental baseado no dispositivo panóptico e tido como uma forma de governamentalidade por Foucault. Buscar-se-á quaisquer que sejam as relações da implementação dessa nova tecnologia enquanto dispositivo de controle no contexto da saúde ou hospitalar. A princípio sabemos que o mesmo tem por finalidade trancar, rotular e vigiar, já o monitoramento eletrônico que é uma espécie de panoptismo digital, levado às últimas consequências, excluindo supostamente a primeira finalidade, mas concedendo ainda mais espaço para a vigilância e para a rotulação que irão convergir na estigmatização dos indivíduos desviantes marcados pelo cerceamento da sua liberdade de ação e pela presença do dispositivo de controle no próprio corpo, objeto do saber médico, dotado também do poder de cerceamento de liberdades, havendo talvez, uma dupla restrição no contexto em comento. O panoptismo seria a materialização de uma sociedade disciplinar, que objetiva a neutralização daqueles pertencentes ao grupo específico que é alvo do poder punitivo,

docilizando corpos. Nessa perspectiva, tomamos a monitoração eletrônica como exemplo do sucesso da sociedade disciplinar e sua progressão para uma sociedade de controle, como identificado por Gilles Deleuze. Defendemos que essa realidade não seria objeto somente do direito penal, mas também e, mais precisamente até, da antropologia jurídica.

Palavras-chave: Monitoração Eletrônica; Panoptismo; Saber/Poder; Sociedade Disciplinar; Sociedade de Controle.



GT 3

**Desejos, diferenças e dissidências em
Mato Grosso do Sul: resistências em
tempos de necropolítica**

Comunicação Oral



DANÇA DE SALÃO E A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS PLURIDANÇANTES

*Marcelo Victor da Rosa
Antonio Carlos Cordeiros Junior*

A dança de salão é primordialmente tradicional, mas no decorrer do tempo deu espaço para novas perspectivas que tornaram possíveis aos seus participantes outras possibilidades de constituição, fora de uma matriz de inteligibilidade que cristaliza sexo-gênero-sexualidade, ou seja, que tenciona o contexto heteronormativo, compondo novos sujeitos, que nomeamos como pluridançantes. Temos por objetivo investigar os processos de subjetivação dos praticantes desviantes dos papéis tradicionais da dança de salão em espaços educativos em Campo Grande-MS. Será realizada uma pesquisa de campo em escolas de dança, projetos de extensão da UFMS, que possuem alunos/as pluridançantes (mulheres condutoras e homens conduzidos), na dança de salão. Os dados serão obtidos por meio de um questionário, e observação, aplicados para as mulheres condutoras e homens conduzidos. Para a análise dos dados utilizaremos o poder na perspectiva foucaultiana como um operador metodológico, para então triangular saber-poder e a constituição desses novos sujeitos pluridançantes.

Palavras-chave: Dança de Salão; Gênero; Poder.

PROSTITUIÇÃO MASCULINA NO JORNAL CORREIO DO ESTADO (2017-2018): MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA NA SEÇÃO RELAX & CIA

*Guilherme Rodrigues Passamani
Tatiana Bezerra Lopes*

Este trabalho tem como objeto de análise o caderno de Classificados do jornal Correio do Estado. A seção “Relax & CIA” é a única destinada a anúncios de prostituição de homens e mulheres dentre os jornais impressos que circulam em Campo Grande/MS. Nossa proposta foi analisar as 635 edições do jornal no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2018, para pensar a prostituição masculina em intersecção com alguns marcadores sociais da diferença. Na primeira etapa da pesquisa, foram localizados 2.742 anúncios de serviços sexuais ofertados por homens. Em um segundo momento, optou-se por investigar os classificados com mais de 30 publicações no período em questão. 18 michês se enquadraram neste requisito. O que encontramos sinaliza que o *negócio* do sexo, neste campo, é atravessado por intersecções que constituem e complexificam o desejo. De modo geral, os corpos não-branco, viris, jovens, discretos e “sem frescura” aparecem como os corpos investidos de tesão e prazer.

Palavras-chave: Anúncios de jornal; Prostituição masculina; Campo Grande; Marcadores sociais da diferença.

AVATARES NO IMVU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE CORPOS DO E NO ONLINE

Joice Bianca Foschiera de Lima

Este ensaio trata de algumas reflexões etnográficas sobre a criação de corpos no mundo virtual *IMVU*, chat 3D de relacionamentos por meio de *avatares*. Trata-se de um esforço analítico, fruto do trabalho de campo sobre o qual me dediquei/dedico nos últimos cinco anos. O estudo sobre essa comunidade online teve início durante minha graduação em Ciências Sociais, quando busquei entender as dinâmicas das socialidades juvenis que emergem no *IMVU*, percebendo as suas características diante da facilidade de acesso às comunicações no ciberespaço e refletindo a respeito de como elas, as socialidades juvenis, se fazem nesta extensão do real característica dos ambientes virtuais. Neste trabalho é possível encontrar uma descrição detalhada do funcionamento do chat e de suas possibilidades de criação e interação em salas virtuais por meio de *avatares* 3D, que aqui é retomado para contextualizar o campo de análise. Em síntese, das várias gestações que tive ao longo destes anos, esse ensaio é mais uma tentativa de *bricolar*, em certa medida, o que produzi até em então na experiência de cartografar o contemporâneo, o que será parido e/ou expelido de alguma forma na minha dissertação de mestrado.

Palavras-chave: etnografia; corpos; *avatares*; socialidades; *IMVU*.

BIONECROPOLÍTICA, A NOÇÃO DE PESSOA E A (IM)POSIÇÃO DO DOCUMENTO “DE BRANCO” PARA OS KAIOWÁ DA GRANDE DOURADOS

*Isadora Spadoni Sguarezi
Simone Becker*

O acesso ao documento civil pelos Kaiowá de Mato Grosso do Sul permeia diferentes aspectos de suas vidas, como o ingresso ao sistema de educação escolar, aos serviços de saúde, benefícios previdenciários e mercado de trabalho. Propomos discorrer sobre os marcos de vida e morte dos Kaiowá sob a ótica dos documentos, do racismo de Estado e da biopolítica foucaultiana, bem como a maneira como os Kaiowa manifestam suas especificidades nos documentos de “branco” com nomes étnicos e vínculos de afinidade e parentesco. Com a Constituição de 1988, os povos indígenas passaram a ter o “direito” de possuir documento civil. Porém, esse “direito” se confunde muitas vezes com uma imposição pelo Estado, sob o pretexto de aperfeiçoar políticas públicas, quantificar a população, mapear enfermidades e estatizar o biológico. Em Mato Grosso do Sul, Estado com maior número de pessoas em situação de “sub-registro” no país, para um indígena ter documento, é preciso percorrer um árduo caminho, por mais ressignificações que existam por parte dos indígenas. Como às emergentes das discussões sobre a noção de Pessoa.

Palavras-Chaves: Bionecropolítica; noção Pessoa; Kaiowá; documento de Branco.

DO BRASIL DE CABRAL À TERRA VERMELHA DE DOURADOS E DO COLONO

Ezequias Freire Milan

Simone Becker

O presente artigo pretende disparar discussões a respeito da estruturante discriminação étnica, a partir da qual se fundou o Estado Brasileiro. Posteriormente, relacionamos esta mesma produção de discriminação, também com a cidade de Dourados, no interior do estado do Mato Grosso do Sul. Neste sentido, busco/buscamos analisar discursivamente os atravessamentos históricos que são (in)diretamente fundadores de nossos espaços e sujeitos. Paralelamente verifico/verificamos em termos de tessituras, as relações de poder que instituem nossa história enquanto Brasileiros e Douradenses. Pode-se dizer que a história, como produto de guerras retóricas de poder, torna-se fundadora de uma certa identidade coletiva e individual. Entretanto, para que as vozes que contam a história sejam ditas e ouvidas, outras devem ser caladas e apagadas. Assim, através da análise de algumas pinçadas “lacunas” históricas produzidas por nosso Estado racista, remarcamos as particularidades de um discurso histórico que se pretende como fundador, e que consequentemente produz um lapso entre os sujeitos e a história. No caso da cidade de Dourados, tratamos de dissecar uma dada versão histórica do “Colono”.

Palavras chave: Dourados; Racismo de Estado; Antropologia; Colonialismo.

“AQUI TEM DRAG”: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE OS DIFERENTES ESPAÇOS QUE GERAÇÕES DRAGS FREQUENTAM EM CAMPO GRANDE-MS

Winy Gabriela Santana

Guilherme Passamani

O presente artigo busca analisar os diferentes espaços que duas gerações de drag queens - geração atual e geração Bistrô (início dos anos 2000) - ocupam na cidade de Campo Grande- MS, com intuito de investigar quais os espaços destinados a cada uma dessas gerações. Assim, poderemos perceber, com base nos ambientes que abrigam essa arte na cidade qual interrelação com os anteriores e as divergências entre os locais urbanos ocupados por estas artistas. Do ponto de vista metodológico foi feito um levantamento bibliográfico, em seguida uma etnografia nos espaços que a arte drag está presente, bem como entrevistas semiestruturadas como as duas gerações. Constatamos que as duas gerações ocupam um espaço hierárquico no entretenimento LGBT da cidade e que houve uma mudança nos locais ocupados pela arte drag.

Palavras-chaves: Gênero; Drag queen; geração.

NÃO LUGARES E HOSPITALIDADE: OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES DAS RELAÇÕES SOCIAIS DO CENTRO ANTIGO DE CAMPO GRANDE, EM MATO GROSSO DO SUL, POR MOVIMENTOS CULTURAIS E CORPOS PRECÁRIOS

*Júlia Arruda da Fonseca Palmiere
José Francisco Sarmento Nogueira
Anita Guazzelli Bernardes*

Os espaços urbanos se transfiguram com o passar do tempo e acabam de alguma maneira se tornando espaços de transitoriedade, de partilha, residencial e de interação. Estes espaços assumem características necessárias de “Não lugar” com registrou Marc Augé. Alterações nas áreas urbanas ao longo do século XX criaram uma “sobremodernidade”, alterando a essência das cidades e da vida do cidadão. Este trabalho objetiva apresentar e discutir estratégias cartográficas de investigação do centro antigo de Campo Grande (MS), referente à uma pesquisa sobre modos de ocupar a cidade pela diferença. Realizando uma corpografia por este território urbano se encontrou com alguns grupos artísticos e culturais (teatro de rua, slams, coletivos feminista) cujo performances e formas de viver a cidade tensionam com o instituído em termos de gestão da vida e circulação dos corpos nas ruas. A partir destas cartografias, foi possível pousar a atenção no Vagão Laricas da Lu, situado na Orla Ferroviária próximo à avenida principal da cidade. Ali, tem-se produzido práticas marcadas pela multiplicidade de formas de se relacionar e questionar o espaço do centro da cidade, como rodas de conversa coletiva sobre diferentes temáticas (racismo, LGBTQfobia, serviço social); cenas teatrais, performances artísticas. Com isto, visibilizam-se formas de reconhecimento e relação possível com corpos costumeiramente tomadas pelo olhar da periculosidade, imoralidade, estas vidas precárias, reconhecidas como vidas. Problematizar relações de cuidado, hospitalidade e reconhecimento entre diferentes corpos neste recorte do espaço urbano permite entender arranjos possíveis na diferença e alteridade.

Palavras-chave: Não lugar; corpografia; diferença; precariedade.

DINÂMICA DA PERMANÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

*Juliana Cristina dos Santos Duarte
Cintia Lima Crescêncio*

A presente apresentação tem por objetivo descrever e discutir informações sobre pesquisa realizada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Campo Grande. O objeto do estudo foram as falas de Mulheres Negras a respeito de suas vivências de permanência no curso de Pedagogia - UFMS, como forma de evidenciar algumas características da dinâmica e as especificidades vividas por Mulheres Negras ao adentrarem a educação superior. Quatro mulheres foram entrevistadas, elas vivenciam a

universidade de formas específicas, por exemplo, suas idades, constituição familiares e relação com o mercado de trabalho são distintas. Dentre elas temos três mulheres cursando diferentes semestres, por diferentes motivos, e uma delas já graduada. As falas foram analisadas a partir do referencial teórico dos Estudos de Gênero, das Relações Étnico Raciais e Educação. A pesquisa foi desenvolvida segundo a perspectiva pós-crítica, utilizando-se de elementos da pesquisa de campo etnográfica, e história oral. Dentre as informações da pesquisa que merecem ser enfatizadas, vale destacar que a permanência na educação superior requer dedicação específica, adentrando a vida e alterando sua dinâmica. O que nos aproxima da discussão a respeito da permanência de Mulheres Negras na Educação Superior, entendendo que existem especificidades na experiência dessas mulheres, pois, gênero e raça/etnia são marcadores sociais da diferença, e adentrar essa intersecção nos dá aparatos para discutir as possibilidades construídas para a permanência e conclusão da graduação, e a dinâmica do processo de formação de Mulheres Negras na educação superior. O estudo permite o entendimento dos caminhos percorridos por mulheres negras em seu contexto social para a permanência na academia, servindo de respaldo para iniciar discussões específicas sobre as políticas públicas de permanência na educação superior e a respeito de formas de enfrentamento ao racismo institucionalizado vivenciado na universidade.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Permanência na Educação Superior; Processo de Formação; Racismo.

SUPREMACIA BRANCA E NECROPOLÍTICA EM MATO GROSSO DO SUL: LENTES PÓS-COLONIAIS PARA SE PENSAR A QUESTÃO GUARANI E KAIOWÁ

Marcelo de Jesus Lima

Este escrito tem como objeto a construção da supremacia branca e a necropolítica contra os povos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul. Para isso, é realizada uma articulação de três literaturas. A primeira introduz ao pensamento do etnólogo Carlos Moore, visando definir o racismo como um sistema pigmentocrático, fruto de uma estrutura de origem histórica e forma de consciência. A segunda literatura concentra-se nas reflexões realizadas por Mbembe, que trata a origem violenta das democracias e o caráter constitutivo da violência racial para a sustentação dos Estados Nacionais. Por último, é feita uma introdução à literatura já realizada sobre os Guarani e Kaiowá e o contexto de conflito fundiário, somando aos direcionamentos fornecidos por Carlos Moore e Achille Mbembe, visando escrutinar o racismo em Mato Grosso do Sul a partir de lentes alternativas.

Palavras-chave: conflitos fundiários; Guarani e Kaiowá; necropolítica; supremacia branca.



GT 4

**Diálogos e intersecções entre
antropologia e educação no campo da
pesquisa: quais apropriações possíveis?**

Comunicação Oral



OBSCURECIDOS: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS NEGROS E INDÍGENAS, AS IDENTIDADES CULTURAIS BRASILEIRAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

Pretende-se com o presente trabalho refletir, a partir de teóricos contemporâneos, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, algumas definições de cultura, identidade e identidades culturais. Como são formadas, transformadas e representadas no seio da sociedade, dando sentido e significação aos modos de vida, na própria construção imagética de um ideário nacional. A abordagem se pautará, no caso do Brasil, nas contribuições dos povos negros e indígenas na construção da identidade brasileira, para além da miscigenação e suas representações no ensino de História. A Pesquisa discutirá o processo de formação e manutenção dessas múltiplas identidades ou identificações, sem abdicar de uma identidade mestra ou ponto de intersecção de nossas identidades, que chamaremos de identidade brasileira.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; História; Negros; Indígenas.

CONHECER A DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Samuel Douglas Farias Costa

O ensino de antropologia na educação básica tornou-se uma realidade nas escolas brasileiras a partir da obrigatoriedade da inclusão da disciplina de sociologia nas matrizes curriculares do ensino médio desde 2008. Apesar da disciplina levar o nome da sociologia, ela abarca o ensino de três áreas das ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia). Entende-se aqui a antropologia como disciplina acadêmica que se consolida historicamente como uma produtora de teorias e reflexões sobre a diferença, marcada pelo método etnográfico e conceitos próprios que singularizam a sua prática de fazer e conhecer realidades. Assim, o conhecimento produzido em sala de aula no ensino médio, mediado pela relação entre docentes e discentes, não poderia ser o mesmo produzido nas universidades e instituições de pesquisa, especificamente por antropólogos e antropólogas. A diferença dos métodos, dos modos de fazer e conhecer, levanta questões como “*De que modo as teorias antropológicas se conectam com os saberes e conhecimentos dos discentes no ensino médio?*”, “*Quais os efeitos do ensino de antropologia na educação básica?*” e “*Que tipo de conhecimento antropológico tem se produzido nas salas de aula?*”. A partir de conexões entre a teoria antropológica (em suas intersecções com a educação) e a imersão em campo do pesquisador-professor em uma escola estadual na cidade de Cuiabá (MT), este trabalho realiza reflexões preliminares sobre as especificidades dos modos de conhecer a diferença e o conhecimento produzido a partir do ensino de antropologia no ensino médio.

Palavras-chave: antropologia; conhecimento; ensino médio.

O PROTAGONISMO DE CRIANÇAS GUARANI/ KAIOWÁ INSERIDAS EM ESCOLA NÃO INDÍGENA

*Clotildes Martins Morais
Antonio Dari Ramos
Maristela Aquino Insfram*

Neste trabalho discutimos sobre o protagonismo de crianças indígenas, inseridas em uma escola não indígenas da rede municipal de ensino da cidade de Dourados/MS. Tais discussões tem como referência o trabalho etnográfico, que se encontra em andamento, tendo como protagonistas, crianças das etnias guarani e kaiowá, matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental. Estas crianças, moram em aldeias e em áreas de retomadas, localizadas em torno da cidade, onde vivenciam no seu contexto familiar e nas suas comunidades uma educação tradicional, voltada para os conhecimentos da cultura indígena, no entanto, inseridas na escola urbana, elas recebem uma educação escolar pautada nas particularidades da cultura não indígena. Neste sentido, a partir da “observação participante” no cotidiano escolar, foi possível perceber como a escola interpreta as diferenças culturais coexistente no seu espaço, ou seja, a visão e a atuação da escola, em relação às crianças indígenas, expressadas nos “discursos” e nas “práticas” da comunidade escolar interna. Com as discussões elencadas neste artigo, esperamos despertar reflexões crítica, acerca das diferenças culturais, em prol da desconstrução de estereótipos e de discriminação da cultura indígena, que historicamente se sustentou em diferentes espaços da nossa sociedade, inclusive nas instituições escolares.

Palavras-chave: Educação escolar; interculturalidade; criança indígena.

RELAÇÕES, USOS E INTERFACES DA ANTROPOLOGIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

*Dayana de Oliveira Arruda
Sara Santana A. da Silva*

O artigo correlaciona e sistematiza um conjunto de arranjos teóricos e metodológicos da pesquisa intitulada “Discursos e práticas: problematizações de uma proposta de educação de jovens e adultos”, realizada no âmbito do Curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS). As relações e interfaces delineadas neste estudo decorreram na explicitação da etnografia enquanto movimento operativo e dinâmico, processo que facultou o construto de métodos, técnicas, procedimentos e recursos investigativos. Os desdobramentos de caráter empírico-analíticos da pesquisa foram articulados às possibilidades etnográficas de levantamentos e acessos ao campo e aos sujeitos/ participantes, bem como às fontes como documentos institucionais, dados, informações e uma gama de (outros) achados, oportunizados sobretudo pela observação, registros em caderno de campo e entrevistas exploratórias. Mote das problematizações empreendidas neste percurso, as relações e usos da antropologia sinalizaram instrumentais que possibilitaram para além de descrições das relações e circunstâncias operativas de um dado exercício institucional-escolar em suas

especificidades, mas principalmente, enfoques e sentidos intrínsecos ao campo de estudos como uma ortopedia política e pedagógica, suas características sociais, individuais, intersubjetivas, políticas, culturais, de saberes e de poderes intrínsecos, enquanto condições e premissas básicas do fazer etnográfico, apropriado pela pesquisa em educação como um saber que ainda deve ser aprofundado.

Palavras-chave: pesquisa em educação; método; etnografia.

AS QUESTÕES CULTURAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO EM MATO GROSSO DO SUL: REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÕES

*Sara Santana A. da Silva
Dayana de Oliveira Arruda
Weslem Gimenez dos Santos*

Este trabalho irá apresentar um relato de professores da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul descrevendo e analisando como se caracteriza o currículo escolar em torno das questões culturais em algumas escolas, de ensino médio, da rede estadual de ensino em Mato Grosso do Sul. A tarefa mais basilar a que a antropologia se propõe é compreender os diferentes hábitos culturais de cada povo e o que as diversas culturas nomeiam por “pessoa”. O exercício de olhar os hábitos “do outro” é de fundamental importância para rompermos com preconceitos existentes em nossa sociedade, formando alunos com um olhar mais compreensível e respeitoso às diferenças. Além disso, uma das questões epistemológicas mais importantes de se lidar no ensino das Ciências Sociais é desconstruir o pensamento eurocêntrico que estão pré-colocados nos currículos e livros didáticos, buscando mostrar que a história é construída por diversos povos e etnias. Assim, a partir do movimento dialético e de contradições, educar promovendo o respeito e a compreensão das diferentes culturas, é uma maneira de possibilitar a existência de estudantes críticos que respeitam o outro e compreendem as diferenças culturais existentes na sociedade.



GT 5

Diálogos Farpados: Etnografia, Interações Metodológicas e Fazer Antropológico

Comunicação Oral



NOTAS SOBRE ÉTICA E “CONSENTIMENTO ESCLARECIDO” NA ETNOGRAFIA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA ANTIGA RODOVIÁRIA

Vladimir Eiji Kureda

Tendo em vista os dilemas contemporâneos em torno da ética no fazer antropológico (Schuchz, Vieira, Steffen, Peters, 2010), especialmente, no que diz respeito às discussões sobre “consentimento esclarecido” (Fonseca, 2010), que, propõe-se neste trabalho, refletir alguns aspectos de minha experiência etnográfica com pessoas em situação de rua nas imediações da antiga rodoviária de Campo Grande – MS. Para tanto, será tomado como objeto de análise a própria construção de minha etnografia, desde o diálogo com os (as) interlocutores e as observações etnográficas, até a produção textual. Nesse sentido, objetiva-se analisar como o contexto dos “nativos”, conduziu-me para um fazer etnográfico marcado por uma dimensão ética cujo o “consentimento” se traduziu mais de maneira político-afetiva do que formal-convencional.

MOKOI TEKOÁ PETEI JEGUATÁ: EXPERIMENTO ETNOGRÁFICO COM A TEORIA ANTROPOLÓGICA E O CINEMA MBYA

Samuel Douglas Farias Costa

Mokoi Tekoá Petei Jeguata – Duas aldeias, uma caminhada (2008) é um filme realizado por sujeitos Guarani Mbya em parceria com o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA). O filme torna visível questões pertinentes à vivência dos Mbya em duas aldeias no Rio Grande do Sul, como territorialidade, mobilidade, memória e história. O presente artigo assume a narrativa cinematográfica como espaço para o trabalho de campo, do qual o pesquisador elege o material a ser conectado à bibliografia etnológica, especificamente sobre populações Guarani, produzindo assim um experimento etnográfico. O efeito esperado é que tal encontro, entre campo e teoria, possibilite realizar conexões entre ambos os materiais e refletir tanto sobre as narrativas mbya quanto sobre o fazer etnográfico e antropológico.

Palavras-chave: cinema; etnografia; Guarani Mbya.

O CORPO COMO CADERNO DE CAMPO: COMO ALGUÉM SE TORNA ETNÓGRAFO?

Antonio Henrique Maia Lima

A discussão proposta parte da pergunta de Nietzsche no subtítulo de *Ecce Homo*, qual seja: “como alguém se torna o que é?” Assim, se a etnografia é o método antropológico por excelência, como um homem se torna etnógrafo? Como um pesquisador se torna pesquisador? Como um cientista se torna cientista? Fala-se dos percursos de “produção de si”, onde o sujeito é um produzir-se em relação consigo e com o mundo. Trata-se de uma subjetividade corporal atravessada por relações complexas, múltiplas e conflituosas de forças e afetos que se hierarquizam em perspectivas variadas. Analisa-se o processo de produzir-se a si mesmo como homem das ciências e o seu viés ritualístico, do qual, tal como em todos os rituais, se mantém pela crença de necessidade e pela existência de um método ou um conjunto de práticas consagradas por tradições, costumes ou normas, que devem ser observadas. Etnografar, portanto, tende a ser o registro dos sentidos da visão e da audição, que enquanto métodos se transmutam na observação e na realização de uma enormidade de técnicas de entrevistar. Para além disso e para além dos demais sentidos dispostos às possibilidades humanas, numa guinada semântica do “fazer etnográfico”, por que não descrever mais? Em poucas palavras: como nossos corpos foram mutilados para a desumanização do homem em favor do cientista? Porque a necessidade de tornar cego o olho para que ele possa observar “cientificamente”? Dialoga-se com autores como Nietzsche, Foucault e Deleuze e Guattari através de Sztutman, Goldman, Viveiros de Castro e outros.

Palavras-chave: Racionalidade; Produção de Si; Etnografia; Epistemologia; Corpo.

DISCURSOS E PRÁTICAS COMO REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS INDÍGENAS EM ESCOLA NÃO INDÍGENA

Clotildes Martins Morais

Antonio Dari Ramos

Maristela Aquino Insfram

No contexto educacional da cidade de Dourados observa-se que muitas famílias indígenas que vivem nas aldeias ou nas áreas de retomadas, tem procurado matricular os seus filhos em escolas urbanas. Atuando como profissional da educação, as experiências vivenciadas em diferentes contextos escolares, onde as diferenças culturais de alunos indígenas e não indígenas geravam conflitos pessoais e conseqüentemente, implicações no processo de ensino e aprendizagem, nos motivaram a pesquisar sobre a inserção de alunos indígenas, em uma escola não indígena, localizada na periferia da cidade de Dourados/MS. Neste sentido, descrevemos a trajetória do trabalho etnográfico, ou seja, as experiências vivenciadas a partir da observação participante no cotidiano escolar. Os interlocutores da pesquisa são crianças guarani/kaiowá que vivem em comunidades indígenas e que por

diferentes motivações estão estudando em uma escola não indígena. Discutiremos sobre as teias de relações estabelecidas entre as crianças indígenas com as crianças não indígenas, professores, gestores e demais funcionários da escola. Com as reflexões e discussões abordadas a partir da pesquisa, esperamos contribuir para a construção de projetos educacionais e para a efetivação de práticas pedagógicas que respeitem as diferentes culturas coexistentes nos contextos escolares e em outros espaços da nossa sociedade.

Palavras-chave: Educação escolar; práticas pedagógicas; interação.

PERCURSO DE UMA PERÍCIA ANTROPOLÓGICA

Josimara dos Reis Santos

A presente comunicação tem por objetivo ressaltar o percurso realizado em uma perícia antropológica de adoção de crianças, no qual irá se destacar metodologias usadas em campo, como a descrição densa, o idioma, desenhos, mapas, fotografias, genealogias e o diálogo com a comunidade, além disso, visa se enfatizar as dificuldades apresentadas in loco, como à localização dos interlocutores e do deslocamento, para isso comentar-se-á uma experiência vivenciada em Kurusu Amba II, Aldeia Limão Verde e Taquaperi, a ideia é contribuir com pesquisados iniciantes fatos vivenciados em campo.

Palavras-chaves: pesquisa, metodologias e perícia.

“OLHAR, OUVIR, ESCREVER... MEDIAR”: FAZER ANTROPOLOGIA NO CONTEXTO DE UMA PERÍCIA ANTROPOLÓGICA

Lílian Raquel Ricci Tenório

Nesta comunicação, apresentamos um relato de experiência sobre uma etnografia realizada em contexto de perícia judicial, num processo que envolve a comunidade Terena da Terra Indígena Cachoeirinha, em Mato Grosso do Sul. Se há um local onde a interlocução Antropologia/Direito se faz presente por excelência é nos laudos antropológicos em processos judiciais. Quando se trata de processos que envolvem disputa por terras indígenas, a perícia antropológica ganha destaque assumindo um papel fundamental como meio de prova e o profissional da Antropologia, atua como Auxiliar da Justiça. Percebemos que além de “olhar, ouvir e escrever”, ao antropólogo/a perito/a cabe a função de “mediar” as situações que envolvem as partes: comunidade indígena e produtores rurais, para a elaboração do laudo antropológico, que abrange uma série de desafios e responsabilidades tanto do ponto de vista ético quanto legal, além da clássica discussão sobre “objetividade/imparcialidade” e “distanciamento” que permeia desde sempre a própria ciência antropológica.

Palavras-chave: etnografia; trabalho de campo; laudo antropológico; processo judicial.

ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU: ETNOGRAFIA DAS CRIANÇAS KAIOWÁ

Jéssica Maciel de Souza
Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Este trabalho é resultado da pesquisa feita durante o mestrado em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, entre 2016 e 2018, na qual, foi realizada uma etnografia das crianças kaiowá na comunidade indígena Laranjeira Ñanderu, localizada no município de Rio Brillante/MS. As famílias desse território passaram por um longo processo transitório desde a expulsão do *tekoha*, em meados do século XX, até a retomada de partes do *tekoharã*, em 2009. Durante aproximadamente 80 anos, viveram perto do local de origem, em reservas indígenas ou trabalhando em fazendas próximas. Assim, a pesquisa teve como objetivo a observação e análise de como acontece a fabricação dos corpos; o produzir e reproduzir das crianças kaiowá inseridas numa organização social, mais especificamente, na aldeia Laranjeira Ñanderu. Enfatizando, que essa construção do corpo se dá entre os seres humanos e não humanos, entre rituais, natureza, cosmologia alimentação, relação com o território tradicional e com as práticas culturais. Para coleta de dados, a pesquisa teve como metodologia a observação participante.

Palavras-chave: território; corporalidade; criança kaiowá; Laranjeira Ñanderu.

CAMPANHAS ONLINE: O USO DE MÍDIAS ONLINE E O ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DURANTE AS CAMPANHAS PARA GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL NO ANO DE 2018

Filipe Wisley de Matos Rosa
Guilherme Rodrigues Passamani

O seguinte trabalho tem por objeto observar por meio de um olhar antropológico como foram estabelecidos os vínculos de representatividade entre políticos e eleitores por meio do uso dos espaços online durante o período de campanha das últimas eleições para o cargo de governador do Estado de Mato Grosso do Sul no ano de 2018. A radicalização do debate político, a utilização dos novos recursos de mídias online (Facebook, Twitter, Instagram, etc.), e como refletiram estes fenômenos nas disputas de segundo turno concorrendo à governadoria de MS, configuram questões investigadas nesta pesquisa. Partindo da compreensão que por meio do trajeto de campanhas políticas por espaços físicos são estabelecidas relações de proximidade e distanciamento entre representantes e representados (Barreira, 1996), este trabalho buscou compreender se estas mesmas relações podem ser estabelecidas por meio dos espaços online e do uso das novas mídias digitais. Como método, a etnografia (ou Netnografia) enquanto ferramenta que possibilita a imersão do pesquisador em contextos alheios ao seu ambiente comum, e que permite

descrever o quanto melhor uma determinada cultura ou ambiente social foi utilizada por possibilitar apreender a multiplicidade de fenômenos que surge deste contexto cultural plural que congrega relações advindas da política, espaços, interações sociais e redes online. Dentre os principais resultados estão à adaptação das propagandas políticas a plataformas online e a compreensão de que apesar do uso de novas tecnologias digitais para fins de campanha – ao menos no âmbito estadual – não é possível dizer que há uma relação de oposição entre as mídias tradicionais e os partidos políticos, ao contrário, nota-se a tentativa de resgate e manutenção da relação de apoio entre a imprensa dominante no estado e os partidos políticos mais tradicionais. Ressalva-se, contudo, que a pesquisa segue em andamento e, portanto, ainda existem resultados a serem concluídos.

Palavras-chave: Campanhas políticas; partidos; mídias online; representação política.



GT 5

Diálogos Farpados: Etnografia, Interações Metodológicas e Fazer Antropológico

Modalidade Banner



EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA PIRAKUÁ E A SUA RELAÇÃO COM AS LEGISLAÇÕES E A INTERCULTURALIDADE

*Fernanda dos Santos Rodrigues
Lucas de Aguiar Lima
José Henrique Prado*

A pesquisa apresentada neste trabalho decorre de experiências ocorridas durante aulas de campo realizadas nos meses de maio de 2018 e maio de 2019 na Aldeia Pirakuá, localizada em Bela Vista-MS, que teve por objetivo realizar a elaboração de um ensaio etnográfico de maneira teórica e prática sobre os assuntos específicos. Neste caso foi elencado como tema a educação escolar indígena da aldeia Pirakuá. Inicialmente buscamos realizar uma análise epistemológico sobre o conceito de interculturalidade e da educação diferenciada no ensino formal, em seguida analisamos brevemente o percurso histórico das leis que garantem uma educação diferenciada e a interculturalidade no ensino escolar da etnia Guarani Kaiowá. Objetivando compreender a importância desses conceitos na educação indígena, através de artigos científicos, dissertações e teses seguida de observação participante para, enfim, realizar – ainda que como aprendizes – o ofício da etnografia; tendo como principais interlocutores os professores e do cacique da aldeia. É possível afirmar que um resultado parcial da pesquisa aponta o contexto em que se realiza a educação escolar indígena da Aldeia Pirakuá é multicultural e diferenciado. Porém a legitimidade de uma cultura historicamente excluída, ou seja, as culturas indígenas, vem conquistando espaço e esforçando para que as legislações sejam cumpridas, em um ambiente escolar que precisa estar atento para conciliar conhecimentos indígenas e não-indígenas e, por isso em constante desafio da elaboração de um ambiente educacional intercultural.

Palavras-chave: Educação escolar indígena; Interculturalidade; Legislações; Educação Diferenciada.

CADERNOS DE CAMPO: RELATOS ETNOGRÁFICOS SOBRE LIDERENÇAS E LOCALIDADES KAIOWÁ

*Wellington Bispo de Souza
José Henrique Prado*

Este artigo propõe descrever o trabalho de pesquisa realizado na disciplina de Estudos Dirigidos oferecida no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, que possibilitou aos discentes matriculados a experiência de realizar contato direto com uma comunidade Kaiowá em Mato Grosso do Sul com a finalidade de realizar uma experiência de formação ampliada e de exercitar a produção etnográfica. Esta pesquisa dialogou, durante o trabalho de campo realizado entre os dias 9 e 12 de maio de 2019, com as principais lideranças políticas da Aldeia

Indígena Pirakuá, município de Bela Vista / MS na tentativa de conseguir compreender e relatar sobre a experiência empírica vivenciada e sobre quais são as formas de atuação dessas lideranças. Neste sentido, buscamos compreender as formas como atuam as principais lideranças da aldeia, suas frentes de lutas e atuações nos problemas específicos. Todavia, o relato empírico realizado na comunidade ira nos permitir apontar paralelos das relações políticas e de lideranças no contexto dos povos Kaiowá, e também, em certo momento, divergir com a nossa realidade (urbana e não indígena), tendo os pontos comuns e divergentes do todo, estimulando-nos a pensar na nossa realidade pelo -“jogo de espelhos” que a observação do “outro” os possibilita. Com a metodologia descritiva, passaremos alguns momentos descrevendo os aspectos dos líderes, seus moldes de chefia na comunidade, as suas formas atuações em setores específicos, já em outros, relatando as experiências que pudemos vivenciar com eles e, ao fim, apresentar o quanto essas figuras são também importantes em cada uma das frentes (como os próprios moradores do Pirakuá definem) dentro da comunidade.

Palavras-chave: Kaiowá; Liderança indígena; Chefia ameríndia; Aldeia Pirakuá; Mato Grosso do Sul.

“FITINHAS”, COMO SE REPRESENTAM EM CAMPO GRANDE/MS

*Jéssica Lima de Freitas
Dilza Porto Gonçalves*

Este trabalho tem como objetivo analisar como se apresentam pessoas reconhecidas como “fitinhas” em casas noturnas de Campo Grande/MS. Quando se estuda a sociedade contemporânea, tem-se em mente que, é composta por diversas culturas, conseqüentemente, há comportamentos distintos entre as pessoas e os grupos as quais se inserem. Reconhece-se, neste trabalho, como “fitinhas”, as pessoas que procuram demonstrar uma identidade por meio da ostentação de bens e/ou maneiras de se comportar ou vestir relacionada à riqueza. Esta breve pesquisa é resultado de um trabalho de campo proposto na disciplina de Antropologia no Curso de História/FACH/UFMS. Utiliza-se referenciais da Antropologia Cultural e da História para fazer análise dos dados obtidos por meio de reportagens e entrevistas informais realizadas em trabalho de campo. Entende-se a cultura como uma “teia de significados” como apresenta Geertz, por isso, para compreender grupo dos(as) “fitinhas” e suas formas de interação, comportamento, vestimenta, vocabulário dentro de nossa sociedade é preciso reconhecer os significados de suas ações para os diferentes grupos. Desta forma, se pode quebrar paradigmas e ter a certeza da importância das representações identitárias de cada ser humano.

Palavras-chave: “Fitinhas”; Trabalho de campo; Antropologia e História.



GT 6

Intervenções Externas em Comunidades Indígenas e seus Impactos Socioambientais

Comunicação Oral



EXPRESSÕES DO NEOLIBERALISMO DIANTE DO ESTADO DE BEM ESTAR SOCIAL: DESACERTOS E EQUÍVOCOS DE UM MODELO QUE CAMINHA PARA O FRACASSO

*Marco Antônio Rodrigues
Antonio Hilario Aguilera Urquiza*

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa em andamento, intitulado “A Dinâmica Migratória dos Povos Tradicionais Fronteiriços no Estado do Mato Grosso do Sul e os Reflexos da Mensagem de Veto nº 163/2017”, o qual se insere em projeto mais amplo (OGUATA GUASU E TERRITÓRIO: Uma análise antropológica da mobilidade guarani nas fronteiras de Mato Grosso do Sul), financiado pelo CNPq. O artigo busca analisar a concepção neoliberal, articulando esse estudo com as políticas estatais de demarcação de terras indígenas na região fronteira do Estado do Mato Grosso do Sul, chegando-se à conclusão de que o Estado, enquanto vinculado ao capital, permanecerá distante de suas reais finalidades no tocante às populações tradicionais e à efetivação de direitos, conforme se constata na mensagem de veto estudada. Através do método indutivo e da pesquisa bibliográfica, jurisprudencial e histórica o artigo buscará chegar ao resultado esperado.

Palavras-chave: Territórios Indígenas; Neoliberalismo; Veto; Povos Tradicionais.

O ESTADO BRASILEIRO E AS VIOLAÇÕES DE DIREITOS DOS TERENA: A NECESSIDADE DE POLÍTICAS DE REPARAÇÃO

Lenir Gomes Ximenes

O movimento indígena tem provocado o debate acerca das violências perpetradas contra os povos indígenas na atualidade e ao longo da História do Brasil, com a participação ou conivência do Estado. Contribuíram com essas discussões a criação, em 2012, do Grupo de Trabalho sobre violações de direitos humanos contra os povos indígenas, na Comissão Nacional da Verdade – CNV, cujo objetivo principal era averiguar as violações praticadas na Ditadura Militar; e a divulgação, em 2013, do Relatório Figueiredo, um documento produzido pelo Estado brasileiro na década de 1960, relatando diversas violências no âmbito do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, órgão que atuou entre 1910 e 1967. Este artigo aborda algumas das violações de direitos dos Terena, no sul do Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), que emergem do acervo documental do SPI e evidenciam a necessidade do Estado brasileiro criar políticas de reparação para os indígenas.

Palavras-chave: História indígena; violência; SPI.

SEM TERRITÓRIO, SEM EDUCAÇÃO: A POLÍTICA DE DEMARCAÇÃO DE TERRAS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

Este artigo tem como objetivo, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, analisar os impactos da política de demarcação de terras indígenas e suas implicações nas ações e diretrizes que regulamentam o estabelecimento de escolas indígenas, em especial, no estado de Mato Grosso do Sul. Visto que, o reconhecimento e a legalização dos territórios indígenas, são premissas norteadoras para as políticas-públicas de assistência à saúde, educação e moradia dessas comunidades. Sendo assim, o intuito é observar os efeitos do reconhecimento, ou do não-reconhecimento desses territórios, na regulamentação da educação escolar indígena.

Palavras-chave: Território; Reconhecimento; Demarcação; Educação.

VIVÊNCIA E CERTEZAS, TEORIA E ANGÚSTIAS: OS IMPASSES EM DIZER O OUTRO POR MEIO DO TEXTO ANTROPOLÓGICO

Patrik Adam Alves Pinto

O presente texto discorre sobre os impasses teóricos, metodológicos e éticos, encontrados ao abordar o objeto escolhido por mim como tema de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS): a relação dos Terena com a Carteirinha da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Ao longo do texto, busco estabelecer um paralelo entre o percurso de relativização das certezas carregadas por mim, no início do mestrado, acerca do meu objeto, em função do contato com o pensamento antropológico, e o próprio deslocamento do lugar da produção de verdade sobre o outro no fazer etnográfico, ao longo da história da disciplina.

Palavras-Chave: Terena; Carteirinha da FUNAI; Antropologia; Alteridade; Ética.

MIGRAÇÕES TERENA PARA OCUPAÇÕES URBANAS NA PERIFERIA DA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS: A PERMANECIA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO EM CONTEXTO URBANO DE DUAS FAMÍLIAS EXTENSAS NA COMUNIDADE INDÍGENA DO JARDIM INAPOLIS

*Luiz Felipe Barros Lima da Silva
Victor Ferri Mauro*

O presente artigo pretende interpretar como verifica-se a permanência das relações de parentesco dos índios Terena em contexto urbano na comunidade indígena do Jardim Inapolis na periferia da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. O levantamento empírico foi realizado com duas famílias extensas habitantes dessa comunidade, a saber, as famílias de Antônio Jorge Pereira e Ribeiro Barbino, atual liderança (*naati/cacique*) da comunidade. Os procedimentos metodológicos seguiram a oralidade dos líderes dessas duas famílias para a montagem de um diagrama parcial de parentesco. O referencial teórico a que este artigo está alinhavado está de acordo com a noção de estrutura social dos Terena, nas práticas tradicionais ainda hoje presentes nesses novos territórios que evidenciam a integração comunal e nas etnografias sobre este grupo étnico escritas por Cardoso de Oliveira (1968, 1976), Pereira (2009), Ferreira (2007) Mussi (2006), Sant’Ana (2009) dentre outros trabalhos que interpretam a perspectiva da ocupação do espaço urbano pelos grupos indígenas e a forma como estes dão sentido e territorializam o espaço ocupado.

Palavras – chave: Terena; Parentesco; Territorialização; Etnicidade.

LETURAS PARA PENSAR A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA

Victor Ferri Mauro

Este artigo traz reflexões acerca da política indigenista brasileira em perspectiva histórica desde os tempos da Colônia até os dias atuais, fomentadas a partir de leituras de obras consagradas da etnologia e da etnohistória e através de discussões de problemáticas variadas em sala de aula ocorridas em uma disciplina do mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul ofertada em 2017 e em 2019. Os estudos revelam que as formas pelas quais o Estado nacional tem se relacionado com os povos indígenas nesses mais de quinhentos anos de colonização são eivadas de etnocentrismo, preconceitos, violência, arbitrariedades, sujeição e desrespeito às culturas nativas, apesar dos progressos alcançados na legislação e na extensão de políticas públicas, sobretudo após a Constituição Federal de 1988.

Palavras-chave: Povos indígenas; Estado; Política indigenista.



GT 6

Intervenções Externas em Comunidades Indígenas e seus Impactos Socioambientais

Modalidade Banner



O IMPACTO DA ROTA DE INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NA FRONTEIRA DE PORTO MURTINHO-MS

*Arthur Paiva Octaviano
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

O objetivo do trabalho é analisar em uma perspectiva histórico-antropológica o impacto da Rota de Integração Latino Americana (RILA), que visa integrar o Brasil aos portos do Chile, com uma saída para o oceano, a partir da construção de uma rodovia. Além de tal análise, busca-se refletir o quanto a obra de cunho desenvolvimentista impactará nas comunidades tradicionais presentes ali na fronteira (povos *Kadiwéu* e *Ayoreo*) do município de Porto Murtinho em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Fronteira; Povos Tradicionais; RILA.



GT 7

**Patrimônios, religiões e cidades:
Entrelaçando os conhecimentos
educativos e histórico- antropológicos
para a valorização das culturas**

Comunicação Oral



SINCRETISMO X UMBANDA

Diógenes Braga Ramos

Este artigo tem a pretensão de observar como a Umbanda lida com o sincretismo e conseqüentemente entender os desafios que ainda permeiam essa estrutura religiosa afro-brasileira, na atualidade. Essa inquietação surgiu a partir da discussão realizada no âmbito de verificar se a Umbanda discute a questão de pureza e de que maneira essa característica se fundamenta pelo sincretismo. Para fundamentar nossa análise são apresentadas duas comunidades Umbandistas, como fonte de referência etnográfica, uma localizada na cidade de Três Lagoas – MS e outra localizada em Florianópolis-SC. As duas comunidades são comandadas por mulheres, que não são de origem africana ou afro-brasileira, mas que seguem os preceitos da Umbanda, há mais de 20 anos. Para auxiliar nossa discussão, Pierre Sanchis será uma das referências teóricas para nossa reflexão. Como hipótese sugiro que o sincretismo é parte da estrutura do Umbanda ao menos a partir das análises feitas nestes dois terreiros. E que o sincretismo não é algo pejorativo na composição da religião e desassociar o sincretismo da Umbanda pode na verdade enfraquecer a própria estrutura religiosa. Assim, o artigo aponta algumas reflexões sobre a Umbanda e a dimensão sincrética no cotidiano de ações, no agrupamento das pessoas, nos preceitos e nos dias de trabalho no terreiro. O sincretismo não é apenas um fator que perpassa a Umbanda, para Sanchis (2018) essa é uma questão que faz parte do ethos cultural das estruturas religiosas, pois interagem constantemente com os indivíduos que possuem formação cultural diversa e assim, fazem intercâmbio de suas vivências e experiências de vida na sua relação com sua religiosidade. Dentre esse fator sincrético, se leva em consideração a diversidade cultural que é plural. Na leitura Antropológica relativa à Umbanda a partir dos dois terreiros que foram analisados, compreende-se que a estrutura sincrética organiza sua estrutura sócio-cultural e conseqüentemente não pode ser desassociada da essência da mesma. Essas são apenas algumas hipóteses que devem ser ainda melhor exploradas a partir de novas pesquisas de campo, mas que incitam a nos fazer olhar para a questão do sincretismo com novos prismas.

Palavras-chave: Sincretismo; Umbanda; religião.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL MATERIAL EM CAMPO GRANDE/MS: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA SOBRE A PRESERVAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CENTRO URBANO

Jaqueline Ap. M. Zarbato

Esse texto faz parte do projeto de Pós Doutorado, que esta sendo desenvolvido na Unicamp, juntamente com a Profa Aline Vieira de Carvalho, com o título: Patrimônio histórico-cultural material e imaterial nas cidades de Mato Grosso do Sul e seu impacto histórico-cultural: Formação de um sistema de preservação a partir da educação patrimonial. Com enfoque nas abordagens sobre as contribuições culturais de diferentes grupos sociais ficam silenciadas e, assim, perdem-se os referenciais identitários, relacionados a história regional. A proposta em investigar o patrimônio histórico-cultural

material, se dá neste recorte da pesquisa, pelo processo de inter relação entre história e antropologia na constituição das identidades e identificações com o patrimônio cultural sul-mato-grossense. Ao propor trabalhar com os bens patrimoniais regionais, estamos atrelando também ao processo de convivência nas cidades. O processo de pesquisa sobre os bens patrimoniais materiais tem uma longa história e, tem sido alvo de estudos em diferentes países. Com o intuito de preservar as memórias e identidades. Outra dimensão em nossa pesquisa, de caráter conceitual, se dá pela história regional, que tem sua relação com a história nacional, mas que traz os aspectos mais próximos dos sujeitos, bem como as particularidades de cada região. A pesquisa sobre patrimônio, atrelada aos impactos na vida das pessoas, atrela a dimensão regional a nacional. Já que, a historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Ao pesquisarmos um objeto, é importante criar possibilidades de disseminar a sua importância em âmbito social, com sua relevância. Por isso, uma das perspectivas apontadas nesta pesquisa é a criação de um guia educativo que seja utilizado em diferentes espaços, como escolas, casa de cultura, setor de informações turísticas, nas próprias edificações.



GT 7

**Patrimônios, religiões e cidades:
Entrelaçando os conhecimentos
educativos e histórico- antropológicos
para a valorização das culturas**

Modalidade Banner



O CORPO FEMININO NEGRO E SUA MEDIATIZAÇÃO

Thaylla Giovana Pereira da Silva

O presente projeto faz parte do Grupo de Ensino, Memória, Mulheres e Patrimônio (GEMMUP) que está sendo desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordenado pela Dr^a Jaqueline Aparecida Martins Zarbato. O objetivo desse trabalho é problematizar como a mídia interfere na construção de identidade da mulher negra, reforçando estereótipos de beleza e sexualização de seu corpo, no livro “Quem tem medo do feminismo negro?” Djamilia Ribeiro, intitula o último capítulo de “A mulata globeleza: Um manifesto” relatando como a mídia durante o período de carnaval utiliza a mulher negra apenas como um corpo atrativo reforçando a visão da “mulata” brasileira, sendo os critérios para se tornar globeleza parecidos com os que os senhores de engenho utilizam para escolher suas escravas, devem ser “bonitas” e ter um corpo com curvas. Nesse trabalho será utilizado comerciais, notícias e revistas, que retratam a mulher negra como alvo de sexualização, o principal objetivo desse projeto é a realização de aulas oficinas em escolas públicas de Campo Grande - MS com temáticas sobre o corpo da mulher negra, baseando-se na Lei 10639/2003 que inclui a obrigatoriedade da “História e cultura Afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino, conscientizando jovens negras sobre cultura e autoestima, compreendendo seu espaço na sociedade ocidental que baseia seus padrões de beleza no europeu.

Palavras Chaves: Sexualização do corpo feminino negro; mídia; aulas oficinas.

OFICINAS PARA ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DAS ARTESÃS SUL-MATO-GROSSENSSES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

*Lislley Raquel Damazio
Jaqueline Ap. Martins Zarbato*

Este trabalho faz parte da pesquisa, ainda em desenvolvimento, intitulada *Saberes Femininos no Centro-Oeste: fontes para oficinas no ensino de História*, o qual encontra-se vinculado ao projeto de História e Educação para o Patrimônio da Prof^a Dr^a Jaqueline Ap. Martins Zarbato. Objetiva-se por meio deste trabalho a catalogação de elementos culturais na região do Centro-Oeste, principalmente dos saberes femininos em Campo Grande/MS. Abordar a História das mulheres e a contribuição saberes culturais patrimoniais femininos como elemento e ação inovadora no Brasil uma vez que, somente a partir de 2008 foram sendo elencados os patrimônios Culturais Imateriais, pelo instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN). Entre os saberes que estamos investigando está o processo de saber das artesãs, modos de fazer, seu cotidiano seguindo a lógica de valorização dos saberes regionais que podem contribuir para que os diferentes grupos culturais reconheçam o trabalho e a cultura feminina, principalmente de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Memória; Patrimônio; Gênero.



GT 8

**Povos e Comunidades Tradicionais:
estratégias de resistências e luta pela
garantia de direitos**

Comunicação Oral



ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O DIREITO DE VETO DOS “POVOS INDÍGENAS E TRIBAIS” NA CONVENÇÃO Nº 169 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT)

*Gabriel Dourado Rocha
Simone Becker*

Este trabalho analisa as possíveis significações que podem ser atribuídas ao direito à autodeterminação e à consulta prévia, posto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), adotada em Genebra, em 27 de junho de 1989, e ratificada pelo Brasil em 2002. Nesse sentido, se indica que a (in) existência de um direito de veto dos povos indígenas e tribais, ante a inviabilidade de um acordo frente a medidas que os afetem, pode gerar atos arbitrários e integracionistas por parte do poder público. Nada que difira do panorama necropolítico e de etnocídio contra as populações indígenas brasileiras pelas ações/omissões governamentais. Assim, o desafio desta pesquisa é a partir de um trabalho de campo multicentrado, que envolve tanto documentos quanto a participação observante envolvendo os direitos indígenas e a OIT, trazer sentidos mais múltiplos possíveis à análise sobre a efetivação da Convenção 169 a partir da análise de como se deu toda a discussão e (não) inserção da instituição do “veto”, em seu corpo, como garantia das sociedades indígenas. E, então, as próprias discussões sobre a consulta prévia se tornam importantes, a fim de percebermos as assimetrias nas relações entre indígenas e Estado brasileiro.

Palavras-Chaves: etnografia; Convenção 107 da OIT; Integracionismo; Convenção 169 da OIT; Direito de Veto.

OS DESAFIOS DOS POVOS GUARANI/ KAIOWÁ FRENTE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

*Maristela Aquino Insfram
Rosa Sebastiana Colman
Clotildes Martins Morais*

A Reserva Francisco Horta Barbosa, conhecida como Reserva de Dourados, (RID) é um cenário étnico e social complexo. É habitada por pessoas das etnias Kaiowá, Guarani e Terena, por mestiços das três etnias e por descendentes de não indígenas. Possui uma população de mais de 12 mil indivíduos confinados em um espaço de menos de 3600 hectares. Na aldeia Bororó, que é parte da RID, as famílias vivem em pequenos lotes cercados por monoculturas de soja, milho, canavial e pasto, convivendo assim, com o uso intensivo de agrotóxico. Estas famílias vivenciam diversas problemáticas socioculturais, tais como: fome, falta de água, desmatamento, violência e desestrutura familiar. Diante desse contexto sociocultural, propomos uma etnografia para interpretar as dificuldades das famílias Guarani/Kaiowá, frente a prática da agricultura tradicional e os impactos gerados na sustentabilidade das famílias. Para realização da pesquisa, em andamento, nos apropriamos do método etnográfico. Faremos a coleta de dados a partir de entrevistas, diálogo com as famílias, análise documental e observação na comunidade. Com a

pesquisa, espera-se contribuir para o enfrentamento das problemática socioculturais vivenciadas pelas famílias guarani/ kaiowá, na aldeia Bororó.

Palavras-chave: Indígena; fome; agricultura tradicional; sustentabilidade.

GRAFISMO PRESENTE NOS MOVIMENTOS POLÍTICOS INDÍGENAS

*Gilson Tiago
Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues*

O presente artigo é parte do estudo realizado sobre o grafismo terena, demonstrando que ele está presente nos movimentos políticos indígenas. A pesquisa se desenvolveu partindo de uma preocupação da comunidade, em afirmar sua identidade diante dos ambientes de conflito e para o reconhecimento da etnia no Estado de Mato Grosso do Sul e no país. A pintura terena encontra-se em diferentes ocasiões, e nos movimentos políticos é uma delas, inicia-se antes da mobilidade para recuperar as terras expropriadas, através do processo de esbulho que os povos indígenas sofrerem. O estudo pretende analisar o significado da pintura corporal dos guerreiros na luta para retomar as terras tradicionais, e assim garantir viver onde seus ancestrais construíram suas histórias. Tendo como base o estudo empírico através do trabalho de campo realizado na aldeia Água Branca, município de Aquidauana.

Palavras-chave: Terena; grafismo; mobilidade.

UMA PROJEÇÃO DE COMO AS MULHERES TERENA DA MARÇAL DE SOUZA E O ESTADO SE RELACIONAM EM CASOS DE VIOLÊNCIAS

*Kellen Dias Lacerda
Guilherme Rodrigues Passamani*

O presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento, tendo como análise a primeira aldeia urbana formalmente institucionalizada no Brasil, na capital do Mato Grosso do Sul que deriva de um processo de desterritorialização. Esse processo compôs um ambiente de luta, uma vez que o território é parte significativa do modo de vida desses povos. Além disso, com a urbanização o modo tradicional de vida das mulheres Terena é modificado e elas começam a se inserir nos movimentos de luta e atuar como lideranças indígenas. A violência contra a mulher é um mal recorrente, ocorrendo em diversos segmentos da sociedade, não deixando de lado as mulheres indígenas, afetando não somente as que vivem no campo, mas também as que se encontram em contexto urbano. O artigo irá fazer uma breve análise histórica do processo que levou o povo Terena até o contexto urbano, mais especificamente para a cidade de Campo Grande/MS, trazendo também alguns entraves sobre violências que mulheres indígenas enfrentam residindo em contexto urbano.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; contexto urbano, violência.

OS KAIOWÁ TRANSFRONTEIRIÇOS: EM BUSCA DA CIDADANIA

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues

Marco Antonio Rodrigues

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

O presente artigo busca analisar o povo Kaiowá residente na região fronteiriça do Estado de Mato Grosso do Sul. Essa população possui uma visão de territorialidade ampla, englobando o Paraguai, Argentina, Brasil e Bolívia, não reconhecendo as fronteiras estabelecidas pelos Estados nacionais. Em virtude de possuir um processo peculiar de ocupação de territórios tradicionais, onde se registram deslocamentos, essas comunidades estabelecem suas redes sociais pautadas nas relações de parentesco e afinidades, diferindo da visão estatal de território e cidadania. O trabalho tem como foco principal a negação do Estado acerca da concessão de documentação que reconhece ao povo Kaiowá transfronteiriço a nacionalidade brasileira, haja vista lhes assistir esse direito na Constituição Federal de 1988. A base metodológica é própria dos estudos antropológicos, com interface no direito dos povos tradicionais e, além da pesquisa bibliográfica, mantém-se a preferência pelo trabalho de campo. O estudo permite concluir que em pleno século XXI essa população é vítima de descaso e preconceito ao buscar a sua cidadania.

Palavras-chave: Mobilidade; Fronteira Nacional; Cidadania.

AVATI KYRY: MOBILIDADE E VARIAÇÃO EM UMA FESTA KAIOWA/PAÏ TAVYTERÃ

Tatiane Maíra Klein

Rosa Sebastiana Colman

Arnulfo Morinigo Caballero

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre aspectos da mobilidade de coletivos Kaiowá e Paï Tavyterã por meio de variações de suas festas do milho branco, os chamados *avati kyry* ou *jerosy puku*. Essas festas, realizadas atualmente tanto em comunidades do lado brasileiro e quanto do lado paraguaio, são, entre outros, momentos de recepção de parentes próximos e distantes, de convites a aliados indígenas e não indígenas e de relação com o *avatireko jary*, dono do milho branco, por meio da execução coletiva de cantos-rezas-danças e da ingestão de *kaguĩ* ou chicha, bebida fermentada produzida com o *avati jakaira*. Partindo de um *avati kyry* ocorrido em uma das comunidades Paï Tavyterã de Yvy Pyte, no Paraguai, e de um *jerosy puku* feito em uma das retomadas kaiowá do *Ka'aguyrusu*, no Brasil, construímos aqui uma comparação etnográfica entre as festas, enfocando alguns de seus aspectos estéticos e sociais, bem como entre as diferentes formas de territorialidade desses coletivos no Brasil e no Paraguai. Tomando em conta que o próprio canto longo que marca o primeiro dia de festa é descrito pelos Kaiowa/Paï Tavyterã como uma caminhada até o pátio de Jakaira, nos perguntamos: de que movimentos de anfitriões, rezadores e convidados essas festas do milho são feitas?

Palavras-chave: Kaiowa/Paï Tavyterã; territorialidade; redes de relações; cantos-rezas; xamanismo.

MARCO TEMPORAL: SUA APLICAÇÃO NO CASO DA DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TERENA LIMÃO VERDE DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL

*Anderson de Souza Santos
Antonio Hilario Aguilera Urquiza*

O presente artigo tem por finalidade analisar o caso da Terra Indígena Limão Verde, do povo Terena, localizada no município de Aquidauana no Estado do Mato Grosso do Sul. Esta comunidade possui uma trajetória de luta pela demarcação de sua terra, ímpar, sendo a primeira e única terra indígena Terena do Estado a conquistar o Decreto presidencial de homologação, em 2003. No entanto, após essa vitória, a comunidade sofreu um processo judicial no mesmo ano que hoje se encontra no Supremo Tribunal Federal materializado no Agravo Regimental 803.462, que foi dado provimento pela segunda turma da Suprema Corte, relatada pelo então Ministro Teori Zavasck. Ocorre que, com o advento do julgamento do caso Raposa Serra do Sol – PET. 3388, O Supremo Tribunal Federal criou 17 condicionantes para concluir a demarcação da Terra Indígena mencionada, todavia, a tese do marco temporal passou a ser aplicada em diversos outros casos, como o aqui analisado. Surge ainda, o chamado renitente esbulho que deve ser comprovado pelos indígenas para superar a tese do marco temporal. Tais conceitos fundam a decisão da segunda turma que anulou o Decreto presidencial de homologação da Terra Indígena em 2003. Assim, o estudo buscará compreender essa decisão e a analisará de acordo com a doutrina, legislação e jurisprudências do próprio Supremo Tribunal Federal, indicando ao fim, sua legitimidade ou não. Trata-se de pesquisa de caráter dogmático com enfoque em valores através do método indutivo, através de, bibliografias, legislações e jurisprudência.

Palavras-chave: Direito Indígena; Demarcação; Supremo Tribunal Federal; Marco Temporal.

OCUPAR AS TELAS! APROPRIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E INICIATIVAS DE MÍDIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA DE COLETIVOS INDÍGENAS

Camila Emboava Lopes

Este texto pretende discutir como coletivos indígenas usam iniciativas midiáticas como estratégia de resistência, luta por direitos e mobilização política. Em um primeiro momento, este trabalho apresenta perspectivas internacionais em estudos de iniciativas de mídia de povos indígenas usando exemplos de estudos acadêmicos em diferentes áreas e diversos contextos, publicados em língua inglesa. O referencial teórico combina a teoria do surgimento de uma “nova nação midiática”, que emergiu das bases de diversos

movimentos dos povos indígenas a partir dos anos 80, ao conceito de mídia radical e mídias digitais. Em seguida, procura-se estabelecer conexões entre a literatura apresentada e algumas iniciativas de mídia de autoria indígena no Brasil atualmente, como a Rádio Yandê, Mídia Índia e ASCURI. Entende-se que de forma geral, iniciativas de mídia indígena desafiam visões hegemônicas e arraigadas na colonialidade. Observa-se que as mudanças trazidas pelas novas mídias digitais trazem possibilidades interessantes, como a valorização das narrativas orais e visuais, multiplicidade de vozes e a possibilidade de conexão entre diferentes territórios. Por outro lado, muitas vezes as lógicas de mídias digitais, como redes sociais, podem reproduzir antigas assimetrias e hegemonias. A finalidade da pesquisa é potencializar diálogos e reflexões críticas sobre as possibilidades de decolonização das novas mídias.

Palavras-chave: Mídias indígenas; Novas mídias; Apropriação; Decolonização.



GT 8

**Povos e Comunidades Tradicionais:
estratégias de resistências e luta pela
garantia de direitos**

Modalidade Banner



AS FRONTEIRAS CONCEITUAIS ENTRE A MOBILIDADE INDÍGENA E O NOMADISMO CULTURAL

Laura Luiza de Mendonça

Esta pesquisa inserida no projeto de pesquisa OGUATA GUASU E TERRITÓRIO – uma análise antropológica da mobilidade guarani nas fronteiras de Mato Grosso do Sul, procura analisar a diferença entre mobilidade espacial dos povos indígenas, especificamente dos povos Guarani-Kaiowá e o nomadismo cultural. Assim, levando em consideração a formação das fronteiras nacionais e seu significado na construção da identidade dos povos tradicionais presentes em Mato Grosso do Sul. O estudo, que está em seu período inicial, procura desmistificar a ideia de nomadismo, pois o fenômeno do oguata (caminhada para os Guarani) é forma de sua identidade cultural, além de ser parte de suas relações socioeconômicas e políticas, porém são indagados e precisam frequentemente autoafirmarem sua nacionalidade, e identidade indígena. É de suma importância o estudo comparativo dos conceitos apresentados acima tanto para a comunidade indígena tanto para a não indígena (academia), para que aprofundemos acerca do “modo de ser guarani” (Teko Porã), deste modo contribuindo para que sua identidade cultural não seja questionada por sua mobilidade espacial tradicional (Colman, 2015).

Palavras-Chave: Mobilidade Indígena; Nomadismo Cultural; Fronteiras Culturais; Guarani-Kaiowá.

AS PRÁTICAS CULTURAIS FÚNEBRES PRESENTE NA MOBILIDADE DO POVO GUARANI-KAIOWÁ NA FRONTEIRA

Leylanne Rittes Miranda

Este estudo está presente no projeto de pesquisa OGUATA GUASU E TERRITÓRIO – uma análise antropológica da mobilidade guarani nas fronteiras de Mato Grosso do Sul, volta-se para a questão da morte tratada por povos indígenas, devido a conflitos internos, acidentes, doenças e outros. Para tal, pretende-se analisar o conceito antropológico de fronteira, atuando diretamente nesses povos e ocasionando a mobilidade. Diante de tais condições, como o povo Guarani, com especificidade no grupo denominado Kaiowá, no lado Brasileiro, e Paĩ Tavyterã, no Paraguai tratam os indígenas de sua tribo quando morrem, quais práticas culturais são realizadas, e quais influências essas práticas sofreram ao longo dessa mobilidade. A presente pesquisa se encontra em um período inicial, sendo tal requerida de extrema atenção para compreender questões de como as sociedades indígenas se organizam em seu mais profundo e delicado âmbito, o contexto fúnebre, a partir da realidade da fronteira na qual praticam sua mobilidade.

Palavras-Chave: Mobilidade Guarani; Óbito Indígena; Contextos Fúnebres.

FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI E O POVO GUARANI

*Camila Assad Catelan
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

O presente trabalho volta-se para a questão da criação da fronteira Brasil-Paraguai, por parte dos Estados modernos, em territórios secularmente ocupados por povos indígenas, desconhecidos de limites definidos, e as suas consequências para as práticas culturais desses povos. Para tal, foi analisado o conceito antropológico de fronteira, o qual longe de abarcar somente os aspectos físicos, leva em consideração também os culturais e os simbólicos, buscando apreender não só as fronteiras jurídico-políticas, como também as fronteiras simbólicas dos povos indígenas. Com o olhar voltado para o povo Guarani, com especificidade no grupo denominado Kaiowá, no lado Brasileiro, e Paĩ Tavyterã, no Paraguai, que possuem territórios tradicionais em áreas transfronteiriças, o trabalho, fruto de pesquisa bibliográfica, salienta a questão da mobilidade, demonstrando ser essa uma prática cultural fundamental para esse povo, que encontra barreira nas fronteiras a ele impostas. Isto porque, sendo o povo Guarani possuidores da maior presença territorial do continente americano, o seu *Ñane Retã*, isto é, território tradicional, por onde ocorrem suas caminhadas, extrapolam os limites territoriais dos Estados modernos.

Palavras-Chave: Fronteira Brasil-Paraguai; Conceito Antropológico de Fronteira; Mobilidade Guarani.

RESISTÊNCIA GUARANI-KAIOWÁ: A RÁDIO INDÍGENA FM DA RESERVA DE DOURADOS COMO INSTRUMENTO PELA LUTA POR DIREITOS

Denis Renan Fonseca

Este trabalho tem como objetivos fazer uma análise através da pesquisa etnográfica sobre as estratégias de resistência e luta pela garantia de direitos dos povos guarani-kaiowá, com enfoque na adoção de tecnologias em específico acerca da adoção de tecnologias, em específico nesse trabalho tratar-se a da radiofônica, sendo assim esse trabalho vem apresentar a Rádio Indígena FM, que é administrada por Guarani-Kaiowás da Reserva Indígena de Dourados, Aldeia Jaguapiru em Mato Grosso do Sul e que possui dois anos no ar. Também tratar-se acerca do processo de construção da emissora e das primeiras experiências de transmissão e de sua programação, em língua materna. Neste trabalho, busca-se apresentar o dia a dia da rádio e de que forma a mesma vem sendo um instrumento importante de resistência para a comunidade onde encontra-se inserida e de que forma vem a ocorrer a sua expansão já que o sinal está a ser retransmitido para outras localidades da região como a Aldeia Porto Lindo no município de Japorã, e como a projetos similares vem a surgir, como a discussão para a implantação de uma rádio em outras aldeias como na Pirajuí no município de Paranhos-MS.

Palavras-chave: Guarani-Kaiowá; rádio; reserva de Dourados; resistência.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

*Monizzi M. Garcia de Oliveira
Maurício Serpa França*

O presente artigo tem como proposta verificar de que forma se dá a inserção e permanência de estudantes indígenas dentro da universidade. Tendo como ponto delimitação o projeto Rede de Saberes da Universidade Católica Dom Bosco, desenvolvido pelo NEPPI (Núcleo de Pesquisa e Populações Indígenas) - UCDB, onde acadêmicos indígenas recebem suporte para o ingresso no ensino superior. Como objetivo geral buscamos junto aos participantes do REDE levantar brevemente suas considerações a respeito da presença e permanência dos mesmos no ambiente acadêmico. A metodologia utilizada consistiu em revisão bibliográfica, sendo utilizado como aporte formulário online disponibilizado aos alunos, via ferramenta do Google formulários, onde foi possível por meio de perguntas estruturadas realizar os primeiros levantamentos a respeito do ingresso desses acadêmicos no nível superior. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados encontros junto aos acadêmicos participantes do REDE, onde foi possível por meio de conversas informais levantar brevemente suas primeiras impressões a respeito do ambiente acadêmico, bem como a relevância do NEPPI nesse processo. A seguinte pesquisa busca contribuir de algum modo com os escritos a respeito das populações indígenas e suas lutas, de modo que possamos analisar a perspectiva dos próprios alunos em relação a sua presença na universidade. Levando em conta todo o processo colonizatório e sociocultural que coloca grupos indígenas em posição de marginalização, perante a formação social brasileira construída com bases eurocêntricas. Apresentar novos bases para futuros modelos de academia menos eurocêntricos se mostra como uma perspectiva para o desenvolvimento de um ambiente acadêmico realmente pensado para todos, que de algum modo atenda às necessidades básicas de seus alunos.

Palavras Chaves: Rede de Saberes; povos indígenas; permanência; inserção.



GT 9

Povos Indígenas, Populações Tradicionais e os Estudos Críticos do Desenvolvimento

Comunicação Oral



O DESEJO DE PROTAGONISMO DOS ATINGIDOS PELO DESENVOLVIMENTO

*Silvia Santana Zanatta
Josemar Maciel*

Comunidades atingidas por barragens podem, como sujeitos da própria história, nos ajudar a pensar o desenvolvimento? Neste trabalho apresentamos uma categorização de dinâmica social ligada a megaprojetos de desenvolvimento e seus principais atingidos. Os projetos de infraestrutura em questão são, especificamente, os voltados à produção de energia hidroelétrica e o território estudado é a Bacia do Alto rio Paraguai (BAP). O discurso acerca do desenvolvimento serve, em grande parte, para legitimar iniciativas que geram grandes impactos a recursos ecossistêmicos, gerando avanço na antropização das áreas ocupadas por populações vulneráveis. O foco da discussão deste trabalho está não só nas teorias que envolvem este processo, mas sim no movimento de olhar, sentir e escutar o território. E, a partir desta iniciativa colocar as pessoas que nos concederam a sua fala no papel de guardiães das palavras. Muito além da categoria de atingidas por potenciais tragédias, elas mostram capacidade de ressignificar narrativamente o território que pertencem, bem como a própria identidade e apontar os caminhos que entendem que podem ser tomados em busca de um potencial desenvolvimento.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Represas; Atingidos; Fala; Escuta.

BOE ATUGO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS A PARTIR DAS PINTURAS FACIAIS

Neimar Leandro Marido Kiga

Este artigo busca investigar e compreender o Grafismo do povo Boe (Bororo), como meio de valorização cultural. Visto que é uma das identidades visuais deste povo, o grafismo como particularidade cultural é apresentado como forma de valorização das culturas indígenas. Este artigo tem como objetivo por meio do Grafismo mostrar o diferencial do povo Boe, ao perceber que quando fazem alguma manifestação cultural ou de identificação é o primeiro ou uma das principais características que realizam para representação. Para apresentação visual da complexidade do grafismo, o artigo traz um grafismo específico do povo Boe, do clã dos Bokodori Ečerae (Tatu canastra), da metade exogâmica dos Ečerae (filhos), com o nome Koge bure – Koge: peixe dourado, bure: pé ou cauda (cauda do peixe dourado). A metodologia é composta pela fundamentação teórica com literaturas relacionadas ao tema abordado, entrevistas diretas com os interlocutores, conversas informais e algumas observações feitas pelas redes sociais, como o Facebook e WhatsApp. As entrevistas foram feitas na aldeia Meruri, pertencente ao município de General Carneiro – Mato Grosso a qual pertencem, foram feitas com pessoas de conhecimento da cultura tradicional, como anciões e anciãs e em Campo

Grande – Mato Grosso do Sul, com acadêmicos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Entre os resultados da pesquisa destacam-se os novos conhecimentos a cerca do tema abordado, diálogos com as comunidades tradicionais a respeito da cultura, fomento a continuidade da pesquisa, bem como novas pesquisas acadêmicas por parte dos indígenas.

Palavras-chave: Valorização; Povos Indígenas; Cultura; Boe; Grafismo.

O CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE O JEITO TERENA DE SE PINTAR

*Gilson Tiago
Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues
Álvaro Banducci Junior*

Este artigo é parte do estudo realizado sobre o grafismo terena, suas denominações, iconografia e diferentes usos. A pesquisa se desenvolveu em razão da preocupação que a etnia Terena possui em afirmar sua identidade diante dos ambientes de conflito e para o reconhecimento da etnia no Estado de Mato Grosso do Sul e no país, sendo o estudo do grafismo indígena um empreendimento importante para a vida da comunidade. A pintura terena está presente em diferentes ocasiões do dia a dia, na pintura corporal, em cerâmicas e em instrumentos artesanais. O estudo pretende analisar o significado da pintura corporal nos diferentes contextos de uso, sob um viés antropológico, e tem como base o estudo empírico através do trabalho de campo realizado na aldeia Água Branca, município de Aquidauana, baseando-se em uma relação dialógica com o grupo.

Palavras-chave: Terena; grafismo; pintura indígena.

DO ESPAÇO QUE LIBERTA AO ESPAÇO QUE SUBMETE: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO, PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

*Flavia Palhares Machado
Josemar de Campo Maciel*

Este trabalho tem por objetivo, a partir de uma revisão bibliográfica, realizar uma reflexão sobre o sentido do cidade como uma expressão material e espacial das práticas sociais de uma sociedade ao longo do tempo, constituindo um aspecto essencial do modo de vida e da cultura contemporâneos. As cidades se constroem e organizam refletindo as maneiras pelas quais a sociedade produz e reproduz as suas relações sociais, culturais, materiais e produtivas e suas transformações se inscrevem e dão forma ao espaço urbano, moldando de maneira inequívoca a percepção e a experiência dos sujeitos citadinos. As cidades contemporâneas tem suas raízes no processo de urbanização iniciado na Europa, no final

da Idade Média, a partir da reorganização das relações de trabalho e produção promovidas pelo crescimento da atividade mercantil e que também possibilitou o desenvolvimento das indústrias. As cidades e o modo de vida urbano resultante deste processo espalharam-se desde então pelo demais continentes por meio dos projetos de exploração e colonização empreendidos pelas nações europeias a partir do século XVI, atingindo outra dimensão no século XX com os projetos de desenvolvimento implementados após a II Guerra Mundial, que possibilitaram um crescimento exponencial das taxas de urbanização, e levaram mais da metade da população mundial a viver em cidades. Conclui-se, portanto, que as cidades se tornaram a expressão material de um modo de vida e produção específico, ou seja, urbano, típico da modernidade, através do qual outros modos de organização da vida coletiva acabaram por invisibilizar-se ou subordinar-se.

Palavras Chaves: Cidades; Urbanização; Espaço social; Prática Espacial; Desenvolvimento.

A NOÇÃO DE PESSOA E O SUICÍDIO GUARANI, UM CAMINHO NA COMPREENSÃO DO SUICÍDIO TERENA

*Josiane Emilia do Nascimento Wolfart
Antonio Hilário Aguilera Urquiza*

Apresentamos neste ensaio uma breve contextualização do suicídio entre os Guarani do sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Nossa intenção é que estas informações nos ajudem em nossas análises no decorrer do desenvolvimento de nossa pesquisa de mestrado do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sobre o suicídio terena em uma aldeia no interior do Estado. Um fato novo e aparentemente sem registros na literatura. Em se tratando do estudo com povos indígenas é importante considerar a complexidade de sua organização social e cosmológica, transportando essa compreensão para o tema do suicídio esta problemática ganha outra dimensão, por isso, este ensaio apresenta considerações iniciais, apenas como disparadoras para pensar o suicídio terena a partir da etnologia indígena guarani apresentadas nos estudos de Brand (1997) Pimentel (2006), etc. Para compreender as reais questões envolvidas no fenômeno é preciso lançar mão de um olhar antropológico sensibilizado partindo da ideia de que a própria comunidade possui uma compreensão sobre o tema que escapa às explicações do mundo ocidental. Fato que observamos nas pesquisas sobre o suicídio guarani em que os autores conseguiram encontrar uma explicação na cosmologia indígena que pode traduzir estas mortes. É o que temos tentado desenvolver junto à comunidade terena, onde buscamos compreender o fenômeno a partir de sua cosmologia e imaginário social. Com este cuidado metodológico buscamos respostas junto a comunidade estudada na tentativa de construir reflexões e análises que contribuam com estudos e políticas de prevenção ao suicídio.

Palavras-chave: suicídio; povos indígenas; Guarani; Terena.

**DESENVOLVIMENTO LOCAL OU (DES)ENVOLVIMENTO LOCAL?
REFLEXÕES A RESPEITO DO TERMO, SURGEM DÚVIDAS
EMERGENCIAIS EM SUAS (DES)ARTICULAÇÕES COM OS POVOS
ORIGINÁRIOS, UMA DELAS É: IMPROBO OU ALIADO?**

*José Francisco Sarmiento Nogueira
Leandro Skowronski*

Muito tem se refletido sobre o desenvolvimento Local. A grande pergunta é: desenvolvimento pra quem? E quando se trata de projetos de desenvolvimento que atingem comunidades tradicionais? A partir desta pergunta, este trabalho tem início. As ideias a respeito deste termo são um pouco consensuadas e um tanto são controversas, e às vezes, até antagônicas entre si, tanto no Brasil quanto no debate internacional. Percebe-se que refletir sobre o desenvolvimento local desdobra-se em duas frentes: uma de reprodução da lógica capitalista em escala localizada (tradicional) e outra de tentativas contra-hegemônicas (solidária). Com o avanço das relações sociais construídas a partir do capital, uma nova realidade se coloca diante desta realidade, que é a lógica do capital, que visa o acúmulo de riqueza e a exploração dos bens naturais, que tem as comunidades tradicionais, como os grandes guardiões. Esta exploração dos recursos naturais destas comunidades, produziu e ainda produz verdadeiros etnocídios em nossa sociedade. Em uma sociedade que vive a colonialidade, ou seja que continua perpetuando as barbaridades de nosso período colonial, percebemos cada vez mais a opressão, e sejam de raiz ameríndias ou africana. A discriminação dos povos tradicionais. Este trabalho deve se apoiar dos estudos culturais, decoloniais e pós-coloniais, para de alguma forma tentar construir um entendimento histórico desta lógica continua de opressão. Um desenvolvimento que atropela saberes, destrói conhecimentos e mata pessoas que estão deslocadas desta lógica desenvolvimentista. Este trabalho propõe então uma reflexão crítica do desenvolvimento de alguns projetos e investigar se são um improbo, ou parceiros destas comunidades.



GT 9

Povos Indígenas, Populações Tradicionais e os Estudos Críticos do Desenvolvimento

Modalidade Banner



ETNOMÍDIA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL: EMANCIPAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

*Raylson Chaves Costa
Oswaldo Ribeiro da Silva*

O referido trabalho visa discutir a presença da etnomídia indígena nas comunidades encontradas no estado de Mato Grosso do Sul. Abordando as relações construídas nas redes pelos povos originários que descolonizaram a comunicação e a transformaram em fortalecimento, memória, afeto, cultura e tradição em espaços que são locais, mas, ao mesmo tempo, globais. Além disso, busca identificar quais são as iniciativas etnomidiáticas presentes no estado, nelas é possível mostrar seus olhares em relação à produção de conteúdos feitos por eles e elas, de maneira, que não dependam de um não indígena para executar ou “falar” pelas etnias. São conexões produzidas em seus territórios, em que são utilizadas ferramentas comunicacionais para lutar contra as opressões que sempre foram impostas pelo colonizador. Como o *Véxetina Filmes*, uma mídia Terena fundada e administrada por jovens da Comunidade Taunay/Ipegue. Este trabalho busca refletir a etnomídia por meio de um vídeo documentário etnográfico feito pelo autor, que será lançado em novembro, nas comunidades em que o filme percorreu.

Palavras-chave: Etnomídia Indígena, Mato Grosso do Sul, Povos Originários, Documentário Etnográfico.



GT 10

**Produção Etnográfica, Saberes Plurais e
Povos Tradicionais**

Comunicação Oral



A TRAJETÓRIA DO POVO OFAIÉ: TERRITORIALIDADE E RECONHECIMENTO DE DIREITOS TERRITORIAIS

Simoni Santos Siqueira

O presente trabalho aborda a etnia Ofaié, localizada na área Anodhi, município de Brasilândia, Estado de Mato Grosso do Sul. Muitos caminhos foram percorridos pelos Ofaié ao longo dos anos, através dos rios Samambaia, Três Barras, Serra da Bodoquena, Rio Paraná e Sucuriú. Na década de 1950, por ocasião de sua expulsão da fazenda Boa Esperança, localizada em Brasilândia, aproximadamente 200 índios passaram a ocupar as margens úmidas do Rio Verde, ainda no tempo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). No entanto, foram muitas andanças e lutas até fixarem-se território. Em 1956, insatisfeitos com a área, retornaram a Brasilândia buscando fixar-se nas terras onde estavam sepultados seus parentes. Praticamente considerados extintos, perseguidos e ameaçados pelos fazendeiros, na década de 60 já não passavam de poucas dezenas segundo Darcy Ribeiro (1977). A situação de conflito que envolveu o povo Ofaié sempre esteve muito presente, só foi minimizada em 1997 quando a Companhia Energética de São Paulo (CESP) comprou uma área e destinou aos Ofaié com 484 hectares. A forte marca de “extinção étnica” pode ser um dos fatores que levou essa etnia a ser tão pouco estudada por pesquisadores nos dias atuais, partindo do pressuposto que no passado a região percorrida pelos Ofaié foi uma das mais visitadas por viajantes e exploradores. O principal objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa partindo do conceito de territorialidade, a partir de uma etnografia sobre os Ofaié presentes na região de Brasilândia/MS, abordando sua organização social e suas relações interétnicas.

Palavras-chave: Etnicidade; Ofaié; Território.

O PAPEL DA MULHER INDÍGENA NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA A MANUTENÇÃO DO EQUILÍBRIO SOCIAL DA ALDEIA PIRAKUÁ

*Andrielli de Souza Canassa
Aldenor da Silva Ferreira*

O presente artigo tem por objetivo analisar o papel desempenhado pela mulher Guarani-Kaiowá no processo de socialização das crianças visando desenvolvimento das diversas atividades ligadas ao cotidiano da aldeia Pirakuá, município de Bela Vista, estado de Mato Grosso do Sul. Procuramos encontrar respostas para os seguintes questionamentos: 1) quais as tarefas domésticas que a elas cabe ensinar, tanto para as meninas quanto para os meninos? 2) como está esse processo hoje, diante das mudanças impostas pela sociedade envolvente? 3) quais as estratégias adotadas pelas mulheres para manter viva a cultura e o modo de vida dos Guarani-Kaiowá? Trata-se de uma pesquisa etnográfica, com levantamento bibliográfico relacionado ao tema e realização da pesquisa de campo, cujos instrumentos de coleta de dados foram as entrevistas, o diário de campo e a observação.

Para a análise de dados usamos a abordagem qualitativa, dando ênfase aos depoimentos das mulheres que são mães casadas, mulheres solteiras e com as avós. Por meio deste estudo foi possível verificar o protagonismo das mulheres no processo de socialização das crianças, onde elas cumprem a função fundamental de passar os ensinamentos do povo Guarani-Kaiowá e de sua cultura, ensinando e preparando suas crianças para a vida na sociedade indígena e não indígena.

Palavras-chave: Criança indígena; Papel da mulher; Povo Kaiowá; Socialização.

NOVO CONSTITUCIONALISMO LATINO-AMERICANO E POVOS TRADICIONAIS: RECONHECIMENTO JURÍDICO DE EPISTEMOLOGIAS CONTRA HEGEMÔNICAS

Guilherme Maciulevicius Mungo Brasil

Os países da América Latina, por meio do processo de colonização, passaram a incorporar o modo ser, de produzir e de pensar das metrópoles, pautado no padrão hegemônico do homem, branco, heterossexual, capitalista e cristão. Mesmo com o fim do período de colonização, manteve-se uma lógica de assimilação e replicação interna desses padrões. Esse processo imperialista, hegemônico e de cima-para-baixo acabou por sufocar as epistemologias locais, lançando à margem tudo e todos sem correspondência com o padrão imposto, notadamente o modo de ser, produzir e de compreender o mundo dos povos tradicionais. No entanto, movimentos constitucionais recentes na América Latina, ao realizarem um giro descolonial, têm aberto o âmbito jurídico às epistemologias contra hegemônicas. Trata-se do Novo Constitucionalismo Latino Americano, pautado em uma lógica contra hegemônica e de baixo-para-cima, encontrando nas constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) seus principais exemplos. A partir desse objeto, surge o problema de pesquisa: como o Novo Constitucionalismo Latino-Americano reconhece as epistemologias contra hegemônicas dos povos tradicionais? O objetivo do presente trabalho é, pois, descrever como se relaciona o movimento constitucionalista mencionado e as epistemologias historicamente sufocadas. O estudo utiliza enfoque jurídico-sociológico, método dedutivo, meio bibliográfico e documental e fim descritivo e exploratório. O resultado fomenta uma concepção de constitucionalismo que reconheça no âmbito jurídico, para além da normatividade oficial eurocentrista, espaços de normatividade alternativa, pautada nos valores, cosmologia, modo de ser e produzir dos povos tradicionais, em um processo horizontal, pluralista, intercultural, contra hegemônico e condizente com a complexa realidade latino-americana.

Palavras-chave: colonialidade; epistemologias do Sul; pensamento pós-colonial; pluralismo jurídico; constitucionalismo achado na rua.

(DES)COLONIZANDO A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DA PEDAGOGIA DOS PROFESSORES TERENA NA ESCOLA CACIQUE JOÃO BATISTA FIGUEIREDO NA ALDEIA TERERÉ

Ana Carolina Bezerra dos Santos

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em antropologia cultural (PPGAS/UFMS) intitulado Identidade, parentela e interculturalidade: professores Terena e a pedagogia indígena na escola Cacique João Batista Figueiredo aldeia Tereré Sidrolândia/MS, realizada através da pesquisa de cunho etnográfico e a partir da técnica do trabalho de campo junto aos professores indígenas. Pude notar que a pedagogia do professor Terena é, em grande parte responsável pelos processos de descolonização, pois essa lida com os saberes tradicionais e acadêmicos promovendo a valorização da comunidade e das diversas culturas indígenas. Mostrando assim a importância de uma educação escolar indígena que atenda aos quatro eixos centrais: específica, diferenciada, bilíngue e comunitária, pensando a partir do processo da interculturalidade tentando romper com um sistema colonizador, homogeneizante e etnocêntrico que perdura até os dias atuais.

Palavras-chave: Interculturalidade; Descolonização; Pedagogia; Saberes.

PROFESSORA PÓS-CRÍTICA? UM LUGAR DE FALA E A CARTOGRAFIA DO SOCIAL

Silvana Colombelli Parra Sanches

Este artigo pretende uma problematização centrada no ser/saber/poder de uma professora/pesquisadora de sociologia do interior do Mato Grosso do Sul que busca fazer transformação social através da construção de conhecimento com estudantes, na maioria oriundos da área rural e matriculados em cursos técnicos e tecnológicos de agrárias e informática. A pesquisa é bibliográfica e resulta em uma reflexão autoetnográfica em interface com autores pós-críticos. Categorias de análise como branquitude, relações de gênero, identidade e diferença, ruralidades, colonialidade, entrelaçadas à tentativa de um fazer pedagógico não-eurocêntrico que envolve currículo, estudantes e conhecimentos outros revela a ambivalência e negociações que ocorrem ao trazer saberes indígenas para a sala de aula, a origem dos estudantes na agricultura familiar e a visão hegemônica do agronegócio, dentre outros tensionamentos. Há uma linha tênue entre traição e legitimidade ao trabalhar com a história e a cultura indígena em um contexto escolar predominantemente não-indígena e a traição pode acontecer se a intenção de tradução não for resultado de engajamento nas pautas sociais. É fato que este ato pressupõe a tradução, passar esses conhecimentos pela percepção de quem transmite. E quem transmite neste lócus acadêmico e pedagógico é uma professora não-indígena. Em um campo estratificado em agronegócio, agricultura familiar e campesinato, perceber que os estudantes são majoritariamente oriundos da agricultura familiar e, concomitantemente, trazer para a sala de aula os conhecimentos tradicionais é uma forma de negociar com um currículo marcadamente voltado ao agronegócio e hibridizá-lo.

Palavras-chave: Educação; Pertencimento; Colonialidade; Reconhecimento.

**DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIAS CRIMINAIS E ANTROPOLOGIA SOCIAL:
UMA ANÁLISE DA RESOLUÇÃO CNJ Nº 287/2019 E SEUS REFLEXOS
PRÁTICOS PARA OS INDÍGENAS ENCARCERADOS NO ESTADO DO
MATO GROSSO DO SUL**

Caíque Ribeiro Galícia

A análise do fenômeno criminal na sua complexidade envolve o diálogo transdisciplinar com a superação da dimensão normativa pura. A racionalização do Direito historicamente eliminou componentes que complexificam o fato social conflitivo sob a justificativa da necessidade de dar respostas objetivas e imparciais aos conflitos. Cria-se, por outro lado, um rol de demandas específicas de grupos que são tornadas normas, mas que não possuem a correspondente adesão cultural dos atores jurídicos, contribuindo para a perpetuação da invisibilidade dos grupos mais vulneráveis dentro seletividade dos sistemas de justiça criminal. O trabalho apresenta uma análise da Res. CNJ nº 287/2019 a partir do diálogo entre as ciências criminais e a antropologia social para enfrentar o problema se a previsão normativa para o tratamento voltado aos indígenas encarcerados apresenta uma mudança efetiva na tutela criminal dos indígenas. Tal análise, metodologicamente orientada para o contexto do estado do Mato Grosso do Sul, justifica-se em razão do grande número de indígenas encarcerados, atualmente com 328 sujeitos (SIAPEN/2019) inseridos no sistema penitenciário estadual e federal. A proposta da resolução pode não ter adesão dos atores jurídicos tendo em vista, dentre outros fatores, também a composição dos membros do judiciário e do Ministério Público, cujos cargos são ocupados preponderantemente por sujeitos vindos de uma elite social que tendencialmente repudia a valorização dos direitos humanos dos indígenas. Para tanto, será feita uma análise da resolução, seus reflexos práticos e teóricos a partir da cultura dos atores jurídicos no Mato Grosso do Sul e o encarceramento dos indígenas.

Palavras chave: Encarceramento Indígena; Resolução CNJ nº 287/2019; Ciências Criminais; Mato Grosso do Sul.

O ICATU

*Antonio Hilário Aguilera Urquiza
Ariovaldo Toledo Penteado Junior*

A Terra Indígena Icatu fica localizada no município de Braúna, região noroeste do Estado de São Paulo. No ano de 1916, ao redor do córrego Icatu, o então Serviço de Proteção aos Índios (SPI) construiu casas e plantou roça para abrigar a população indígena dos temidos *kaingang*, recém “pacificada”. Foi implantado o *Posto Indígena Capitão Kenkrá* que a partir de maio de 1969 passou a ser chamado *Posto Indígena do Icatu*. Menos de vinte anos depois passou a figurar em documentos oficiais como: “Escola Correccional”, “Colônia Penal” e “Posto Correccional”. Com fulcro nas obras de Melatti (1976), Souza Lima (1995) Pinheiro (1992; 1999) e Correa (2000) logramos êxito em trazer ao leitor uma parte do funcionamento da malha punitiva do SPI, o protagonismo do Icatu no cenário nacional e algumas das consequências de tais medidas na vida de famílias inteiras.

Por fim, relacionamos 64 (sessenta e quatro) possíveis transferências ao Icatu/SP sob a categoria de “cumprimento de pena” das quais foi possível o levantamento de 50 (cinquenta) nomes e alguns retratos que os escassos documentos e obras disponíveis possibilitaram que não fossem apagados da história.

Palavras-chave: Antropologia do Estado; Aprisionamento Indígena; Povos Tradicionais.

CIRCULARIDADE DAS CRIANÇAS KAIOWA PELO TEKOHARÃ

Jéssica Maciel de Souza
Antonio Hilario Aguilera Urquiza

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2016 e 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sociocultural/UFGD. Tendo como objetivo fazer uma etnografia das crianças Kaiowa da Aldeia Laranjeira Ñanderu, localizada no município de Rio Brillante/MS. Hoje, a comunidade se mantém no local amparados por uma determinação judicial, desde 2012, enquanto aguardam o final do processo de estudo do território. Assim, este artigo procura descrever a *circularidade* das crianças Kaiowa, o produzir e reproduzir entre os caminhos que ligam os fogos domésticos dentro do território tradicional. Enfatizando o processo de aprendizagem que o contato com o *tekoharã* proporciona nas práticas culturais. A pesquisa contou como método de coleta de dados com a observação participante.

Palavras-chave: Território; Crianças kaiowa; Laranjeira Ñanderu; Circularidade

VOZES DA FRONTEIRA: RELATOS E MEMÓRIA DOS AYOREO TOTOBIEGOSODE NO GRAN CHACO

Ana Lúcia Franco
Antônio Hilário Aguilera Urquiza

A presente pesquisa tem o intuito de contribuir como um estudo antropológico baseada no método etnográfico sobre “*Vozes da Fronteira: relatos e memória dos Ayoreo Totobiegosode no Gran Chaco*”, no departamento de Carmelo Peralta, na região do Alto Paraguai, fronteira com Brasil. Os relatos são de suma importância para um olhar através das memórias e narrativas que permitem a passagem entre o passado e presente, de um tempo ao outro, trazendo assim o passado como invenção do presente. Para tanto, presume-se que a pesquisa de campo por meio dos interlocutores contribua para decifrar e relevar através dessas memórias narradas um tempo histórico dos Ayoreo Totogobiesode da Comunidade Nova Esperança.

Palavras-chave: Fronteira, Ayoreo Totobiegosode, Antropologia e memória.



GT 10

**Produção Etnográfica, Saberes Plurais e
Povos Tradicionais**

Modalidade Banner



A SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS DO PIRAKUÁ

*Kelly Eduarda Rodrigues Dezem
José Henrique Prado*

O presente trabalho aborda apontamentos sobre a socialização das crianças indígenas kaiowá da terra Pirakuá, relacionando ambiente familiar e social. Com objetivo de dissertar sobre as observações realizadas em um estudo etnográfico que buscou compreender quais são as perspectivas das crianças e por quais meios de sociabilização elas se relacionam para se construírem no mundo social. A pesquisa qualitativa de cunho etnográfico se fundamentou em referências que discorrem sobre etnologia indígena e socialização das crianças indígenas Kaiwoá. Percebeu-se que, embora como resultados parciais, que quando maior for o fogo familiar (*Che ypykykuera*) mais condições de socializar essa criança haverá, ou seja, a partir das observações em campo presenciou-se que as brincadeiras e as ilustrações foram um recurso para passar ensinamentos e costumes da comunidade indígena.

Palavras-chave: Antropologia da Criança; Kaiowá e Guarani; Etnologia.

CONVERSAS E CAMINHOS AS MARGENS DO RIO APA: RELAÇÕES POLÍTICAS E A ATUAÇÃO DA LIDERANÇA KAIOWÁ

*Julio Cezar dos Santos
José Henrique Prado*

Como parte das atividades desenvolvidas pela disciplina de Estudos Dirigidos ministrada pelo professor José Henrique Prado no campus da UFMS de Naviraí 2019 visitamos a aldeia indígena Pirakuá afim de realizarmos uma aula de campo. Durante três dias pudemos acompanhar a realidade social da Aldeia Pirakuá, localizada a cerca de 60m km da cidade de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, predominantemente ocupada por famílias da etnia Guarani Kaiowá sendo um total aproximado de 135 famílias e 650 pessoas. Dentre tantos habitantes, percebemos os protagonismos existentes de líderes que são reconhecidos por representarem os valores e a identidade da comunidade e das famílias. A pesquisa busca compreender a importância desses representantes para a comunidade e o papel que cada um vem a desempenhar naquele contexto. Ao longo do texto procuramos demonstrar – a partir dos dados etnográficos obtidos em campo – alguns elementos contidos nas relações políticas e sociais que giram em torno dessas figuras de liderança.

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E O COLONIALISMO NA CIÊNCIA: CONHECIMENTOS SOBRE A MOBILIDADE ESPACIAL GUARANI

*Thais Almeida Cariri
Antônio Hilario Aquilera Urquiza*

Com o objetivo geral de identificar como o conhecimento tradicional dos Guarani e Kaiowá se articula com a questão da mobilidade espacial no século XXI, a partir de um levantamento bibliográfico e conceitual sobre quais são os aspectos tradicionais da mobilidade e como consequência surge o atrito que entre os Guarani e Kaiowá e o Estado brasileiro na região da fronteira nacional Brasil/Paraguai, um conflito que se respaldada por uma lógica colonialista que se mantém incrustada na nossa sociedade, incluindo a ciência que se diz neutra e isenta é colonialista também, colocar os conhecimentos tradicionais no papel de um estado irracional ou místico é negar a possibilidade de que existem outras maneiras de conhecer e agir no mundo.

Palavras-chave: Guarani e Kaiowá; conhecimentos tradicionais; mobilidade.

OS GUARANI-KAIOWÁ E AS FORMAS DE USO DE SEUS RECURSOS NATURAIS: OUTRA LÓGICA PRODUTIVA

*Tales Stingham Santana
Aldenor da Silva Ferreira*

Neste texto analisamos as principais atividades geradoras de renda dos Guarani-Kaiowá, habitantes da aldeia Pirakuá, município de Bela Vista, estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, cujo trabalho de campo ocorreu em maio de 2019, onde pudemos entrevistar lideranças locais e verificar in loco as atividades desenvolvidas nos quintais florestais da aldeia, bem como a criação de gado. O objetivo foi produzir novos conhecimentos acerca das atividades econômicas desenvolvidas na aldeia e, fundamentalmente, desconstruir estereótipos relacionados aos povos indígenas, no sentido de os mesmos serem improdutivos e indolentes. A pesquisa de campo revelou que as atividades econômicas ocorrem e que estas não estão apartadas da questão ambiental, mas está submetida à outra lógica produtiva, que garante primeiro a manutenção física do povo e, posteriormente é comercializada.

Palavras-chave: Produção; Recursos naturais; Guarani-Kaiowá; Economia.



GT 11

**Religiões, religiosidades, festas e
celebrações**

Comunicação Oral



POMBAGIRA, PROSTITUIÇÃO E MULHERIDADES: DO ESTEREÓTIPO À TRANSGRESSÃO

Daniella Chagas Mesquita

Pesquisa bibliográfica cujo objetivo é refletir e analisar as correlações apresentadas no plano discursivo, a partir de estudos etnográficos e produções antropológicas, entre a Pombagira, a prostituição e as diferentes formas de ser mulher neste meio religioso afro-brasileiro. Na primeira parte do artigo discute-se sobre a relação da entidade com o estereótipo da prostituta, as identificações e o papel que a Pombagira desempenha na vida das mulheres que se prostituem. A segunda parte do artigo aborda a imagem de mulher transgressora, independente e não submissa aos homens que está atrelada à entidade, debatendo sobre o enfrentamento desta às desigualdades de gênero, em especial às presentes no casamento de suas médiuns. Na terceira e última parte, problematiza-se a identificação desta submetida à imagem de um homem, mais especificamente a Exu, quando produções científicas a denominam Exu-mulher. Por fim, considera-se imprescindível que a Antropologia se atente às transgressões que a entidade Pombagira faz também para com os estereótipos a ela impostos, possibilitando uma reflexão ética e metodológica em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Gênero; Prostituição; Pombagira.

O FAZER DO CURURU EM MATO GROSSO DO SUL: UM RECORTE SOBRE A RELIGIOSIDADE E A MANIFESTAÇÃO TRADICIONAL DOS CURURUEIROS

José Gilberto Garcia Rozisca

O Cururu é uma prática essencialmente relacionada aos valores religiosos, éticos e de companheirismo, ao mesmo tempo em que é vivenciada como uma brincadeira entre seus praticantes. A manifestação envolve movimento, música, cantoria e sapateado, na qual tomam parte somente homens. Encerra duplo sentido, de religiosidade e lazer que se entrelaçam e se unem de acordo com o motivo que leva o grupo a se reunir. A prática tradicional do sujeito cururueiro, presente em Mato Grosso do Sul, vem resistindo ao tempo e, reconhecendo que resistir tem a ver com a capacidade de opor-se a um sistema de força contrária, além de ser a capacidade de lutar em defesa de algo, em face do peso dos princípios e dos valores de uma dada cultura, optamos por aproveitar os conceitos de tempo (NUNES, 1995) e resistência (BOSI, 1996) para analisar a narrativa dos detentores dos saberes relacionados ao Cururu, primordialmente, quando abordam a relação dessa prática cultural com os festejos religiosos. Para a consecução desse trabalho foram utilizadas a metodologia de pesquisa de campo da sociolinguística e da etnolinguística e a pesquisa bibliográfica. O diálogo com referenciais teóricos passou por estudiosos como Eunice Rocha, Angel-B Espina Barrio, Manuel Casado Velarde, Alfredo Bosi e Benedito Nunes. Os resultados da pesquisa mostraram a pertinência em tratar a narrativa dos

cururueiros, acerca da religiosidade que envolve a prática do Cururu, pelos conceitos mencionados, em virtude das questões axiológicas apresentadas nas suas expressões.

Palavras-chave: Cururu; Festejos religiosos; Tempo; Resistência.

QUANDO VEM O ESCREVER: PASSADO O OLHAR E O OUVIR CHEGA A HORA DO SANTO INTERVIR

*Maria Eduarda Rodrigues da Silva
Álvaro Banducci Júnior*

Este estudo apresenta uma etnografia da Ladeira Cunha e Cruz, na cidade de Corumbá – MS, durante a festa do Banho de São João, que acontece na passagem do dia 23 para 24 de junho, em celebração ao nascimento do santo. Realizada nos anos de 2018 e 2019 e utilizando-se da observação participante, entrevistas com festeiros e conversas informais com espectadores da festa a pesquisa busca identificar e analisar os acontecimentos que, durante esses dias, têm lugar nessa via que conduz da parte alta da cidade até o rio Paraguai, sendo palco dos cortejos que, vindos das casas dos festeiros, trazem em seus andores decorados, as imagens do santo para o banho nas águas do rio. Espécie de batismo simbólico, o banho é o ritual em que é realimentada a crença no poder de intervenção da entidade sagrada. A ladeira é o local da festa pública de São João, onde os andores se encontram, se apresentam para a comunidade, se cumprimentam, dançam e celebram. Por ela passam devotos católicos, candomblecistas, umbandistas e kardecistas, que reverenciam o santo católico e Xangô. Nela se aglomera o público da cidade e visitantes para assistir e participar da descida dos andores, momento que a cidade estabelece um diálogo consigo mesma através do santo. O trabalho busca analisar os diferentes acontecimentos que movem a Ladeira nesses dias, e a maneira como os festeiros e devotos constroem e vivenciam a experiência coletiva de louvor a seu santo através do ritual devocional e festivo da cidade.

Palavras-chave: Festa Popular; Banho de São João; Devoção; Celebração.

MÁRIO DE ANDRADE: O MODERNISTA DE CORPO FECHADO

Mario Teixeira de Sá Junior

O Modernismo é um dos movimentos culturais mais importantes do século XX para o Brasil. Mais que uma proposta estético-literária, ele se propôs a entender e explicar o país. Um de seus expoentes foi Mário de Andrade com a obra “Macunaíma: um herói sem nenhum caráter”. Nele o autor cria uma metáfora sobre a constituição “racial” da sociedade brasileira, através da mescla do africano, europeu, americano e seus descendentes. No capítulo sete, A Macumba, Macunaíma sobe ao terreiro de Tia Ciata, buscando o poder da Macumba, para derrotar seu inimigo Muiraquitã. Para compor esse capítulo, o autor faz uso de seus cadernos de campo, obtidos em suas viagens na década de 1920 e suas entrevistas com o compositor Pixinguinha. Em muitos momentos a

narrativa do romance repete *ipss litteris* os registros de viagem e as entrevistas realizadas pelo modernista. Dessa forma, o capítulo contribui para reduzir o silêncio sobre os registros das religiões afro-brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Sua construção o aproxima de uma abordagem etnográfica e, por conseguinte da Antropologia.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Modernismo; Macunaíma; Macumba.

LA MAMITA DE COPACABANA: A PRIMEIRA IDA AO CAMPO

Gesliane Sara Vieira Chaves

A festa da Virgem de Copacabana ocorre no dia seis de agosto entre as cidades de Corumbá, MS/Brasil e Puerto Quijaro, \ Departamento de San German/Bolívia. Ela envolve a participação de brasileiros e bolivianos em um processo de aproximação e de afastamento cultural. A festa tem início no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, que fica no centro de Corumbá. Lá se realiza uma missa encomendada pelo *pasante* (responsável pela organização da festa naquele ano). Após a missa ocorre o desfile que tem início na Rua Dom Aquino e termina na Rua Luiz Feitosa. Em um segundo momento os festeiros se deslocam até a fronteira com a Bolívia (Puerto Quijaro) e dão continuidade ao desfile, até a frente do “Banco Union S.A”, já em solo boliviano. Nesse espaço é colocada a Virgem em um altar, construído especificamente para a celebração. Aos bailados chegam os *bloques* (grupos de bailarinos) e vão se aglomerando na frente do altar. Quando todos estão reunidos, retiram a Virgem e continuam em procissão até o “Clube Quatro de Novembro”, onde ocorre a festa regada a bebidas, comidas e danças. A pesquisa, em fase inicial, busca compreender as relações fronteiriças que se manifestam durante a celebração.

Palavras-chave: Virgem de Copacabana; Fronteira; Corumbá; Puerto Quijarro.

AVATI KYRY: O RITUAL KAIOWA DO BATISMO DO MILHO NA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS

Lélio Loureiro da Silva

Este artigo pretende relatar as minhas experiências e observações do ritual kaiowa do Avati Kyry (Batismo do Milho), realizado pela família extensa liderada pelo cacique Getúlio Juca de Oliveira e sua esposa Alda da Silva, moradores da aldeia Jaguapiru, localizada na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, entre os municípios de Dourados e Itaporã no Mato Grosso do Sul, destacando as diversas dificuldades para a sua realização e a sua manutenção cultural, uma vez que esse importante ritual da cosmologia kaiowa é o único ainda praticado por essa etnia no lado brasileiro do seu território de ocupação.

Palavras chave: Ritual Kaiowa; Reserva Indígena; Batismo; Milho.

AS FESTAS RELIGIOSAS EM MATO GROSSO DO SUL: AS POLÍTICAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE REGISTRO

*Edivânia Freitas de Jesús
Douglas de Oliveira Nobre*

No Mato Grosso do Sul, suas festas religiosas são capazes de estabelecer interações entre os indivíduos e o Poder Público. Carregam tradições, vivências e contribuem para a divulgação da memória dos sul-mato-grossenses. Neste artigo, nos propomos a analisar as políticas culturais de Patrimônio, voltadas para salvaguarda e difusão dessas festas pelo poder público estadual, bem como os desafios, dificuldades e as metodologias de identificação de um processo de registro. Para o embasamento do estudo, foram realizadas pesquisa documental, em análise aos processos de registro; jornais e revistas, consultas a fontes bibliográficas e eletrônicas. Sendo assim, este estudo visa contribuir para o conhecimento sobre as políticas culturais referentes ao órgão de preservação do estado do Mato Grosso do Sul, referente as festas religiosas.

Palavras chaves: Festas Religiosas; Patrimônio Cultural; Políticas públicas do patrimônio; Cultura Sul-mato-grossense; Celebrações.

“FAZENDO A FESTA NA FRONTEIRA”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A CELEBRAÇÃO À VIRGEM DE URKUPIÑA EM PUERTO QUIJARRO (BO), FRONTEIRA COM CORUMBÁ (BR)

*Alyson Matheus de Souza
Álvaro Banducci Júnior*

Durante o mês de agosto acontece na cidade de Puerto Quijarro (BO), fronteira com Corumbá (BR), a festa de celebração à Virgem de Urkupiña. O culto a essa santa católica teve origem no altiplano boliviano, na província de Quillacollo, por volta dos anos 1700, ainda durante a colonização espanhola que se instalou sobre o país. Em Puerto Quijarro, suspeita-se que o culto à Virgem de Urkupiña surgiu há cerca de quarenta anos, por volta dos anos 1970, com o advento da migração de grupos do altiplano para a fronteira, e hoje reúne anualmente um grande número de devotos e simpatizantes em torno de sua festa. Dito isso, este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a dimensão pública da festa da Virgem de Urkupiña em Puerto Quijarro, que ocorre durante os dias 14, 15 e 16 de agosto, período visto como o clímax de um calendário celebrativo que tem início antes mesmo do evento festivo. Além disso, serão apresentadas formas por meio das quais devotos – e, também, não devotos – participam efetivamente da festa, indicando que a carga religiosa que permeia o evento festivo pode possibilitar a estes indivíduos a manutenção de sua relação com o sagrado.

Palavras-chave: Fronteira; festa; devoção; Virgem de Urkupiña.

A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO ENTRE OS TERENA DA TERRA INDIGENA BURITI- MS: ASPECTOS HISTÓRICOS, ORGANIZACIONAIS E COSMOLÓGICOS

Roselayne Miguel da Silva

Levi Marques Pereira

Este trabalho tem o propósito de contribuir para o conhecimento sobre a festa de São Sebastião entre os Terena na aldeia Buriti, com destaque para os aspectos históricos, organizacionais e as transformações nos sentidos que ela agrega ao longo de quase um século. Desde a década de 1930 a festa foi realizada em três locais diferentes, acompanhando o processo de territorialização dos Terenas na região, e as transformações nas configurações sócio-política da comunidade. Transformaram-se também os modos de relações com o entorno regional, com implicações para a organização da festa e os sentidos a ela atribuídos, pelos participantes e organizadores. Aldeia Buriti é a maior e a mais antiga das oito aldeias existentes na terra indígena de mesmo nome, a comunidade Terena da Aldeia Buriti possui uma forma organizacional que lhe é própria, dividindo a mesma em vilas, que mobilizam no preparativo da festa de São Sebastião, estreitando entre eles laços de solidariedade e aliança política. O trabalho interno na Terra Indígena Buriti vem contribuindo para destacar e reforçar o processo histórico do povo terena e principalmente a afirmação étnica que os torna protagonista na resignificação de sua identidade e cosmovisão. Esta situação é muito importante para a resistência e a luta por direitos na região, com destaque para a luta pela terra tradicional e suas reocupações.

Palavras-chave: Índios Terena; Territorialização; Terra Indígena Buriti.

DIA DA CRUZ NO PARAGUAI E OS RITUAIS DOS “ESTACIONEROS”

Álvaro Banducci Júnior

Isabella Banducci Amizo

Este trabalho, baseado em observações de campo realizadas na cidade de Ñemby (PY), visa descrever e analisar os rituais católicos do Dia da Cruz, “Kurusu Ara”, celebrado a 3 de maio em todo o Paraguai. A cruz, que simboliza ao mesmo tempo sofrimento e o milagre da ressurreição, ocupa importante lugar na religiosidade latino-americana. No Paraguai, a data conta com a presença dos “estacioneros”, grupos de cantores masculinos que participam ativamente de diferentes rituais e celebrações sagradas da igreja, como é o caso da Paixão de Cristo e do Dia da Cruz, quando entoam canções comoventes durante atos litúrgicos e procissões. Na tradição religiosa paraguaia, no dia 3 de maio cruzeiros, altares e paredes de igrejas costumam ser adornadas com folhas de palmeiras e chipas, alimento comum do país, que após os cultos religiosos são distribuídas aos participantes e pessoas carentes. O propósito deste estudo é, a partir de ensaio imagético, apresentar alguns rituais que acontecem no Dia da Cruz e, com base nesses registros de imagens, refletir sobre os sentidos da celebração, bem como sobre o lugar que nela ocupam os

“estacioneros” e o papel que esses agentes populares desempenham nos rituais próprios da igreja católica.

Palavras-chave: Dia da Cruz; estacioneros; celebrações católicas; rituais populares.



GT 12

**Trabalho, consumo e significado num
mundo em transformação**

Comunicação Oral



A CONSTRUÇÃO COMERCIAL NO PANTANAL/MS: O CASO DA COMUNIDADE DO PASSO DO LONTRA

*Mara Aline Ribeiro
Sérgio Oliveira Gonçalves*

O avanço do capitalismo e processo de globalização, impuseram uma nova ordem nas estruturas econômicas e sociais do Pantanal, culminando em uma série de mudanças na dinâmica territorial, ambiental e comercial local, transformando o cotidiano pantaneiro. Com a inserção da atividade turística e os elementos que a compõe, a organização social e econômica sofreu alterações para se adaptar à nova engrenagem. A comunidade do Passo da Lontra, localizada na Estrada-parque às margens do rio Miranda, apresenta os elementos necessários para uma análise da ressignificação espacial desde a década de 1970, sendo o comércio local o objeto desse estudo, que tem por objetivo “Compreender o desenvolvimento econômico do Pantanal paralelamente atrelado à atividade turística na comunidade Passo do Lontra”. A análise se apoiará na ciência geográfica, permeada por outros saberes, respaldada em autores como Santos (2008), Harvey (2005), Smith (1998), Giddens (2001), dentre outros; além de estudiosos da especificidade pantaneira.

Palavras-chave: Pantanal; Trabalho; Comércio.

OS NOVOS SENTIDOS DO TRABALHO COMO COSTUREIRA NO SETOR DE CONFECÇÕES E MODA EM CAMPO GRANDE

Ivani Marques da Costa Grance

Neste texto, proponho abordar algumas questões relacionadas às transformações no mundo do trabalho, no setor de confecção de vestuário e moda após a reestruturação industrial, iniciada na década de 1990. Tendo como principal fonte para este diálogo, a dissertação de mestrado de Wecisley Ribeiro do Espírito Santo, que foi realizada em Nova Friburgo, Santa (2009) sob o título: “TRABALHO, GÊNERO E LINGERIE: TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NAS TRAJETÓRIAS DAS COSTUREIRAS DE ROUPAS ÍNTIMAS DE NOVA FRIBURGO – RJ”. Sua pesquisa demonstrou que a reestruturação industrial nesta região, não só transformou o modo de produção, mas formou uma grande onda de mudanças em toda a cadeia produtiva, desde a modernização dos equipamentos às relações de trabalho com as costureiras, permitindo a manutenção da obtenção de trabalho excedente preconizado pelo capitalismo. As principais questões são: Em que medida estes novos arranjos e rearranjos nos modos de produção afetaram os sentidos do trabalho e o acesso à geração de renda das costureiras? Quais reflexos destas transformações podem ser observados, neste setor em Campo Grande MS?

Palavras-chave: transformações, capitalismo, costureira, sentidos do trabalho.

TRABALHO E COMÉRCIO POPULAR ENTRE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)

Pâmella Rani Epifânio Soares

A proposta deste trabalho é apresentar como a nova configuração do comércio popular, implementada por uma revitalização entre 2012 e 2013, altera o cotidiano das práticas comerciais no perímetro urbano localizado na linha internacional, entre as cidades gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), através da construção de um complexo de lojas que se estende do lado brasileiro e paraguaio da linha, destinada àqueles que se dedicavam a vender nas ruas. O objetivo é discutir como se caracteriza a transição de um espaço para outro e quais as disputas que aparecem em torno do espaço público, entre as instituições públicas e os trabalhadores urbanos, camelôs e casilleros, que, na maioria dos casos, são donos dos seus próprios negócios, onde se dedicam a administrar a parte financeira de seu espaço comercial e também a realizar o processo de trabalho de organizar a banca, as mercadorias e atender aos clientes. A partir das observações e entrevistas com camelôs e casilleros foi possível notar como a experiência de estar em outro espaço demonstra que o cotidiano desses trabalhadores passa a ter uma forma de organização e estratégias distintas das que costumavam ter para exercer suas vendas na rua, há em questão uma nova subjetividade comercial relacionada aos interesses das políticas de formalização desse mercado.

Palavras-chave: comércio popular; fronteira; trabalho.

NOVAS FORMAS DE TRABALHO E LAZER NA PRAÇA REPÚBLICA DA BOLÍVIA

Isabelle Jablonski

Ricardo Luiz Cruz

A presente pesquisa tem como finalidade propor uma investigação a respeito das novas formas de lazer e trabalho que se apresentam na Praça República da Bolívia em Campo Grande - MS. O objetivo é uma etnografia da praça, construída a partir de trabalhos de campo e entrevistas com os interlocutores que serão pessoas que trabalham na praça. O embasamento teórico será elaborado a partir de autores que discutem relações de trabalho e antropologia do conflito, tais como João Pacheco de Oliveira e Edmund Leach. Busca-se então analisar a organização social da praça e demonstrar como se dá a construção desse espaço a partir de seus trabalhadores, estabelecendo como a noção de trabalho é socialmente construída, entendendo o processo sempre no presente - sendo as relações de trabalho sempre dinâmicas - dependendo sempre de laços sociais e sociabilidades sempre em construção, numa experiência compartilhada. Apesar de se apresentar como evento multicultural, a praça é conhecida como feira, e esse aspecto - feira ou evento multicultural - constitui uma das problematizações deste trabalho, pois entende-se que a forma como se denomina o evento demonstra como as pessoas o leem. Visa-se compreender como se dá a construção desse espaço, tendo em vista a disputa de sentidos onde não há um consenso na construção desse novo espaço, onde vários mundos se apresentam e relacionam constantemente.

Palavras-chave: Praça Bolívia; antropologia do trabalho; organização social.



GT 12

**Trabalho, consumo e significado num
mundo em transformação**

Modalidade Banner



O COMÉRCIO DE CERVEJA ARTESANAL EM CAMPO GRANDE/MS: UM ESTUDO PRELIMINAR

*Patrick de Almeida Trindade Braga
Ricardo Luis Cruz*

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa conduzida ao longo de um ano sobre o comércio de cervejas artesanais na cidade de Campo Grande/MS. Objetivou-se analisar a relação entre o comércio de cervejas e o trabalho, partindo-se do pressuposto de que a bebida é frequentemente associada não ao labor, mas ao lazer. Como base teórica, foram utilizados estudos contemporâneos sobre o trabalho que indicam que muitos sujeitos buscam no próprio ato a satisfação pessoal, mesmo que em troca de lucros menores, não se sujeitando a ofícios consideráveis desagradáveis em troca de uma alta contrapartida salarial. Dois bares da cidade, especializados no comércio de cerveja artesanal foram selecionados e estudados ao longo de um ano, com os dados apresentados na pesquisa sendo produzidos por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas com proprietários e frequentadores. Os resultados indicam que o incipiente comércio da bebida em Campo Grande se insere na lógica do novo espírito do capitalismo, com empreendedores buscando a satisfação pessoal através do trabalho que exercem, de modo que as fronteiras tradicionais entre lazer e trabalho parecem se tornar cada vez menos distinguíveis.

APROXIMAÇÕES ETNOGRÁFICAS DA FESTA DA NOSSA SENHORA DE PERPÉTUO SOCORRO

*Maria do Carmo Carneiro Rossatti
Ricardo Luiz Cruz*

As festas religiosas estão em constante transformações, onde o que é religioso e o não-religioso caminham quase que numa mesma dimensão, lado a lado. Nesse sentido, esse trabalho propõe partir observações participantes, para reflexões iniciais acerca da II Festa da Nossa Senhora de Perpétuo Socorro, padroeira do Mato Grosso do sul, por ser uma festa ainda em fase de desenvolvimento, podemos pensar essas relações simbólicas entre o que é sacro e o que não o é.

Palavras-chave: Festa religiosa; Nossa Senhora de Perpétuo Socorro; religioso; não-religioso.

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA LITERATURA ANTROPOLÓGICA SOBRE O TRABALHO NO SETOR DE SERVIÇOS

Ranielly Silva Leite
Ricardo Luiz Cruz

O objetivo desta pesquisa é produzir na primeira etapa da investigação uma familiarização do aluno com a literatura antropológica sobre o trabalho. O olhar antropológico se caracteriza pela tentativa de compreensão dos fenômenos sociais que os próprios sujeitos sociais têm sobre esses. O trabalho no mundo contemporâneo autores como Boltanski e Chiapello, Sennett, tem chamado a atenção para algum dos aspectos que caracterizam o trabalho nos dias de hoje: precarização; anomia; estetização; flexibilização; curto prazo e a busca pela satisfação dos desejos ou prazeres do consumidor. O trabalho se faz parte do cotidiano das memórias e formação do histórico do indivíduo. Sendo as profissões elos de pertencimentos sociais e geográficos dos trabalhadores de setores de serviços.

Palavras-chave: Etnografia; Flexibilização; Anomia.

Realização



Promoção



Instituições Parceiras



Apoio



Patrocínio

